

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

**Jornalismo alternativo: a cobertura da greve geral de 30 de junho
de 2017, pela Mídia Ninja e Jornalistas Livres na cidade de São
Paulo**

Bárbara Fcamidu

São Paulo

2020

BÁRBARA FCAMIDU

Jornalismo alternativo: a cobertura da greve geral de 30 de junho de 2017, pela Mídia Ninja e Jornalistas Livres na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade Cásper Líbero, na Linha de Pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Simonetta Persichetti

São Paulo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Fcamidu, Bárbara

Jornalismo alternativo: a cobertura da greve geral de 30 de junho de 2017 pela Mídia Ninja e Jornalistas Livres na cidade de São Paulo / Bárbara Fcamidu. -- São Paulo, 2020.

104 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Simonetta Persichetti.

1. Fotojornalismo. 2. Imagem – Análise. 3. Jornalismo alternativo. 4. Comunicação e imagem. I. Persichetti, Simonetta. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 070.49

Bibliotecária responsável: Daniela Paulino Cruz Bissolato - CRB 8/6728

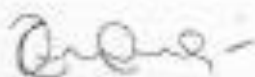
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: BÁRBARA FCAMIDU

"JORNALISMO ALTERNATIVO: A COBERTURA DA GREVE GERAL DE 30 DE JUNHO DE 2017 PELA MÍDIA NINJA E JORNALISTAS LIVRES NA CIDADE DE SÃO PAULO"



Prof. Dr. Wagner Souza e Silva
Universidade de São Paulo – ECA/USP



Profa. Dra. Deysi Oliveira Cioccarl
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC



Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 08 de junho de 2020,

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Edu e Adriana, por acreditarem nos meus sonhos e por me abraçarem em todos os meus passos na vida. Além do apoio inabalável, por todo o suporte que recebi neste momento.

Aos meus irmãos, Lucas e Iago, pela amizade e companheirismo em todos os momentos.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Simonetta Persichetti, por aceitar meu projeto de pesquisa e me orientar durante os dois anos de mestrado. E também pelo suporte, paciência e todo conhecimento.

Aos professores da Banca Examinadora, Prof. Dr. Wagner Souza e Silva e Prof^a. Dr^a. Deysi Oliveira Ciocari, que fizeram valiosas contribuições para esta dissertação.

Aos professores da Cásper Líbero, que foram importantes durante o desenvolvimento do mestrado.

Aos professores da Unipampa, que tiveram um papel essencial na minha caminhada acadêmica.

Aos meus amigos, por todo o incentivo, pela paciência e por todas as formas que contribuíram para que esta meta fosse alcançada.

RESUMO

A presente dissertação tem o objetivo de analisar a cobertura fotográfica da Greve Geral de 30 de junho de 2017, realizada pelas mídias alternativas Jornalistas Livres e Mídia Ninja na rede social digital Instagram. A ideia da pesquisa é discutir se existe realmente uma mídia alternativa em relação à mídia tradicional. Utilizamos como referencial teórico Martine Joly, Vilém Flusser, Jorge Pedro Souza, Roland Barthes e François Soulages. Para análise do conteúdo fotográfico e suas respectivas legendas, foi realizada análise qualitativa e quantitativa das imagens através do método de interpretação dos conceitos de Signos Linguísticos e Signos Icônicos. Essa metodologia é apresentada pela pesquisadora francesa Martine Joly, e está presente no livro "Introdução à Análise da Imagem" (2017). Como parâmetro de comparação, estão sendo usada as publicações realizadas por Folha de São Paulo e Estado de São Paulo sobre a Greve Geral de 30 de junho de 2017 no mesmo período.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Imagem. Jornalismo Alternativo. Comunicação.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the photographic coverage of the General Strike of June 30, 2017 (Greve Geral de 30 de junho de 2017), made by alternative medias “Jornalistas Livres” and “Mídia Ninja” on the digital social network Instagram. This research’s purpose is to discuss whether there is really an alternative media in relation to the traditional media. We used Martine Joly, Vilém Flusser, Jorge Pedro Souza, Roland Barthes and François Soulages as theoretical work. For the analysis of the photographic content and its captions, a qualitative and quantitative analysis of the images was performed through the method of interpreting the concepts of Linguistic Signs and Ionic Signs. Martine Joly, this methodology was published by the French researcher, and is present in the book “*Introduction à l’analyse de l’image*” to Image Analysis” (2017). And as a benchmark, they are being used as publications recorded by “Folha de São Paulo” and the “Estado São Paulo” on a General Strike of June 30, 2017 (Greve Geral de 30 de junho de 2017) in the same period.

Keywords: Photojournalism. Image. Alternative Journalism. Communication. Freedom.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: captura de tela “Quem Somos” da Mídia Ninja.....	25
Imagem 2: captura de tela “Quem somos” do site da Mídia Ninja.....	26
Imagem 3: captura de tela da Página oficial do Instagram na web	38
Imagem 4: mosaico tela inicial do Instagram de Jornalistas Livres e Mídia Ninja	42
Imagem 5: <i>timeline</i> do <i>Instagram</i> Jornalistas Livres e Mídia Ninja referentes a 30/06/2017, dia da Greve Geral.....	43
Imagem 6: mosaico tela inicial Instagram da Folha de S.Paulo e do Estadão.....	44
Imagem 7: <i>timeline Instagram</i> do Estadão e da Folha de S.Paulo referentes a 30/06/2017, dia da Greve Geral.....	45
Imagem 8: captura de tela da seção “Quem somos” do Grupo Folha.....	56
Imagem 9: captura de tela da seção “Quem somos” do Grupo Estado	56
Imagem 10: captura de tela 1 - Jornalistas Livres.....	70
Imagem 11: captura de tela 2 - Jornalistas Livres.....	72
Imagem 12: captura de tela 3 - Jornalistas Livres.....	74
Imagem 13: captura de tela 4 - Jornalistas Livres.....	76
Imagem 14: captura de tela 5 - Jornalistas Livres.....	78
Imagem 15: captura de tela 1 – Mídia Ninja.....	80
Imagem 16: captura de tela 2 – Mídia Ninja.....	82
Imagem 17: captura de tela 3 – Mídia Ninja.....	83
Imagem 18: captura de tela 4 – Mídia Ninja.....	85
Imagem 19: captura de tela 5 – Mídia Ninja.....	87
Imagem 20: capa versão impressa Folha de S. Paulo do dia 01/07/2017	89
Imagem 21: versão impressa edição de 01/07/2017 da Folha de S. Paulo	91
Imagem 22: captura de tela do site da Folha de S. Paulo	92
Imagem 23: captura de tela galeria online da Folha de S. Paulo	93
Imagem 24: versão impressa edição de 01/07/2017 d’O Estado de S. Paulo	95
Imagem 25: captura de tela do site d’O Estado de S. Paulo	97
Imagem 26: captura de tela galeria online d’O Estado de S. Paulo	98
Imagem 27: captura de tela galeria online d’O Estado de S. Paulo	100
Imagem 28: publicação sobre a Greve Geral de 30/06/2017 no Instagram do Estado de S. Paulo	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. EXISTE JORNALISMO ALTERNATIVO?	16
1.1 Surgimento do jornalismo alternativo em São Paulo	21
1.2 O desenvolvimento da produção jornalística na internet	23
1.3 Fotojornalismo na Era Digital	26
CAPÍTULO 2. FOTOJORNALISMO E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS	34
2.1 Fotografia, jornalismo, estética e Instagram	37
2.2 História da Mídia Ninja e Jornalistas Livres	45
2.2.1 Mídia Ninja.....	45
2.2.1.1 <i>Modo de trabalho na redação da Mídia Ninja</i>	49
2.2.2 História dos Jornalistas Livres	51
2.2.2.1 <i>Modo de trabalho na redação dos Jornalistas Livres</i>	53
2.2.3 Enquanto isso.....	55
CAPÍTULO 3. GREVE DE 30 DE JUNHO DE 2017	58
3.1 Cobertura pelas mídias alternativas	59
3.2 Greve e a breve relação do movimento social no Brasil	59
CAPÍTULO 4. O QUE DIZEM AS IMAGENS?	63
4.1 Texto e imagem: aliados ou inimigos?	68
4.2. Jornalistas Livres	70
4.2.1. Captura de tela 1	70
4.2.2. Captura de tela 2	72
4.2.3. Captura de tela 3	74
4.2.4 Captura de tela 4	76
4.2.4 Captura de tela 5	78
4.3 Mídia Ninja	80
4.3.1 Captura de tela 1	80
4.3.2 Captura de tela 2	82
4.3.3 Captura de tela 3	83
4.3.4 Captura de tela 4	85
4.3.5 Captura de tela 5	87

4.4 Folha de São Paulo	89
4.4.1 Captura de tela 1	89
4.4.2 Captura de tela 2	91
4.4.3 Captura de tela 3	92
4.4.4 Captura de tela 4	93
4.5 Estado de São Paulo	95
4.5.1 Captura de tela 1	95
4.5.2 Captura de tela 2	97
4.5.3 Captura de tela 3	98
4.5.4 Captura de tela 4	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAL TEÓRICO	105
APÊNDICE A. Entrevista com a jornalista Laura Capriglione	109

INTRODUÇÃO

O jornalismo sempre esteve presente no meu dia a dia, por isso não tive dúvidas ao escolher jornalismo como minha graduação. Cursei entre os anos de 2011 e 2014 na Universidade Federal do Pampa, em São Borja, no Rio Grande do Sul. Não é por acaso que a paixão pela pesquisa teve início nos projetos de extensão que participei, envolvendo cinema, produção audiovisual e jornalismo, pois me senti muito confortável no ambiente acadêmico. Desde então, a temática imagem vem acompanhando a minha caminhada acadêmica. O meu trabalho de conclusão de curso foi intitulado “Caos, Violência e *Femme Fatale*: uma análise do filme Clube da Luta” sobre cinema *neo noir*, estilo cinematográfico originado a partir do gênero *noir*. Depois de graduada, atuei como assessora de imprensa na Parla! Assessoria Empresarial e Rodovias do Tietê e, posteriormente, como repórter e fotógrafa em um jornal impresso chamado “Novo Contexto”. Nesse período tive uma experiência mais próxima nas áreas de *videomaker*, produção e edição de fotografias e texto. Decidi me envolver mais nessa área em 2015, quando comecei uma especialização em cinema e linguagem audiovisual na Universidade Estácio de Sá. Meu trabalho de conclusão de curso foi intitulado “Violência e Corrupção no Cinema Brasileiro: uma análise do filme Dois Coelhos”.

Após o término da especialização, decidi dar uma pausa nos estudos em comunicação para aprimorar meu inglês nos Estados Unidos entre 2016 e 2017, em um intercâmbio cultural de “*au pair*”, onde morei em *Teaneck, NJ* e *San Francisco Bay Area, CA*. Foi nesse período que tive a certeza que queria continuar na área acadêmica e cursar o mestrado assim que retornasse ao Brasil. Ao elaborar o projeto para a seleção do mestrado, estabeleci minha temática no campo de imagem e delimitei dentro da esfera do fotojornalismo. A seleção do objeto de estudo desta pesquisa ocorreu enquanto eu acompanhava a cobertura da Greve Geral de junho de 2017. Eu observei o acontecido nas redes sociais digitais durante minha residência nos Estados Unidos. Foi a partir de então que muitas inquietações me surgiram neste campo, como por exemplo, notei que havia um número considerável de conteúdo produzido pelas mídias alternativas, enquanto que a mídia tradicional tinha um número muito menor, ou até mesmo nulo dependendo da plataforma, como é o caso do perfil

da Folha de São Paulo no Instagram, que não fez postagem sobre a Greve Geral. Dando seguimento a essa reflexão, sobre como as mídias alternativas operam com o que se determinam a fazer, me questionei: como é possível produzir um conteúdo totalmente independente/alternativo como as mídias pretendem realizar? Até que ponto a produção era independente?

Sendo assim, eu decidi que essa seria minha pesquisa no mestrado. De volta ao Brasil, decidi investigar mais sobre o assunto através deste trabalho, onde me proponho a produzir um estudo sobre a cobertura fotojornalística dos meios de comunicação alternativos, comparando-os com as mídias tradicionais. Mais especificamente, a pesquisa vai ter enfoque no conteúdo fotográfico realizado na cidade de São Paulo durante a cobertura da Greve Geral de junho de 2017 e veiculado nos perfis de Jornalistas Livres e Mídia Ninja no Instagram.

A metodologia selecionada foi a produção da análise qualitativa e quantitativa de imagens a partir do recorte de telas (*printscreen*) de fotografias da cobertura da Greve Geral de 30 de junho do perfil no Instagram da “Mídia Ninja” e “Jornalistas Livres”. Os vídeos e as imagens que fogem da cobertura do movimento social não serão considerados. O enquadramento da captura de tela irá conter a fotografia, legenda e nome do perfil do usuário, pois o texto vai ser um grande aliado para a análise das fotografias. A escolha por imagens que foram veiculadas na rede social digital Instagram se deu por ela ser uma plataforma focada em publicação e edição de fotografias. De acordo com o site Instagram Press¹, a plataforma veicula mais de 500 milhões de imagens por dia entre seus usuários.

Dentro deste alinhamento metodológico, a Mídia Ninja publicou 119 fotografias, enquanto os Jornalistas Livres publicaram 57 imagens. Como o recorte geográfico vai se restringir a cidade de São Paulo, selecionamos previamente as imagens correspondentes, que foram 19 imagens da Mídia Ninja e 24 de Jornalistas Livres e, por fim, chegamos ao número de cinco fotografias de cada mídia para serem analisadas, em decorrência da repetição estética das imagens: muito parecidas e com pouca informação discordante.

¹ Dados consultados no site do Instagram Press, site que tem como objetivo aproximar seu contato com imprensa através de informações sobre a rede social digital Instagram, como notícias e últimas atualizações sobre o aplicativo. Conteúdo disponível em: <<https://instagram-press.com/>>. Acesso em: em 07 de mar. de 2019.

Posto isto, para averiguarmos se de fato existe um jornalismo independente ou alternativo, como forma de comparação, iremos analisar as imagens utilizadas na mesma rede social digital pelos jornais paulistas considerados tradicionais: Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo.

Partimos da seguinte questão: como a Greve Geral de 30 de junho de 2017 foi retratada nas mídias independentes/alternativas “Jornalistas Livres” e “Mídia Ninja”? “Jornalistas Livres” e “Mídia Ninja”, que se declaram como mídia independente, mas são “independentes” de forma restrita pois, a partir do momento em que estão inseridas na sociedade, não é possível serem totalmente independentes. São independentes em relação aos grandes conglomerados de comunicação? São independentes financeiramente? Até que ponto e de qual forma?

Considerando que existe entre nós uma hegemonia histórica do sistema privado de mídia, tanto impresso como eletrônico, poderíamos, então, formular a seguinte questão: o jornalismo praticado nas empresas privadas brasileiras de mídia é independente, autônomo? A pergunta remete imediatamente a outra: independente, autônomo, em relação a que, ou, mais precisamente, a qual poder? (LIMA, 2009, online).

É interessante refletir sobre esses questionamentos, já que a mídia alternativa está inserida em um sistema econômico capitalista, o que torna impossível ser “independente”, pois já não há a autonomia nesse campo. É importante também discutir a barreira imposta pela tecnologia para que o conteúdo jornalístico alcance a almejada “liberdade”. Esta barreira acontece desde a seleção da plataforma digital para a divulgação do conteúdo até o momento em que ele é consumido pelo público.

Como referencial teórico nos apoiaremos em: “Introdução à Análise da Imagem” (2012), de Martine Joly, como embasamento para análise das imagens selecionadas para esta pesquisa; “Filosofia da Caixa Preta” (2011) e “O Mundo Codificado: por uma Filosofia do Design e da Comunicação” (2007), de Vilém Flusser, com os conceitos de liberdade e aparelho; “Uma história crítica do fotojornalismo ocidental”, de Jorge Pedro Sousa (2004), com o conceito de fotojornalismo e síntese histórica da fotografia; “A câmera clara”, de Roland Barthes (2015), com os conceitos de “isso foi”, onde o autor defende que a fotografia representa a realidade, ou seja, que a imagem não é “manipulável”; e “Estética da Fotografia: perda e permanência”,

de François Soulages (2010), com o conceito de “isto foi encenado”, que ao contrário do conceito “isso foi” de Barthes, acredita que a fotografia não é cópia do real.

Esta dissertação de mestrado está dividida em quatro capítulos. No primeiro deles, intitulado “Existe jornalismo alternativo?”, vai ser retratada a história do jornalismo alternativo no Brasil, de acordo com a obra “História da Imprensa Paulista”, do autor Oscar Pilagallo (2012). Neste capítulo também vai constar sobre o trabalho das mídias alternativas nas redes sociais digitais, já que o objeto de pesquisa são as fotografias veiculadas no Instagram. Discutiremos ainda sobre a autonomia dos usuários nas plataformas digitais, partindo das considerações de “liberdade” do autor Vilém Flusser, e sobre a liberdade dos usuários (incluindo as empresas de comunicação) afetados com a atuação desconhecida dos algoritmos das redes sociais digitais, além de discutir o impacto dessa ação no conteúdo jornalístico.

No capítulo 1 também será aprofundado o conceito de fotojornalismo a partir das considerações de Jorge Pedro Sousa (2004). A partir de então, será discutida a relação entre jornalismo e fotografia. A discussão é interessante pois essa relação tem muita credibilidade, já que, de acordo com o senso comum, a foto é vista como prova da realidade. A partir deste ponto, se inicia o jogo entre aparências e realidade, chancelando o discurso como verdade, através do uso da imagem como prova.

A opinião do senso comum é importante para a reflexão sobre o papel da imagem no fotojornalismo, pois a linha que separa a realidade do simulacro é muito tênue, e pode se tornar invisível para o público geral. Roland Barthes acredita que a imagem fotográfica consegue captar o real, “É uma mensagem sem código, proposição de que é necessário extrair imediatamente um corolário importante: a mensagem fotográfica é uma mensagem continua”. (BARTHES, 1961, n.p). Já o autor François Soulages contradiz a teoria de Barthes, pois para ele a foto não é capaz de comunicar o real, sendo apenas uma versão dos fatos.

Já o segundo capítulo “História da Mídia Ninja e Jornalistas Livres”, se baseia no desenvolvimento das respectivas mídias alternativas no Brasil e suas relações com os movimentos sociais. Sendo importante ressaltar que a criação da Mídia Ninja² ocorreu durante a cobertura das manifestações no ano de 2013, quando os jornalistas Bruno Torturra e Cláudio Prado participaram dos movimentos sociais juntos com os

² Conteúdo “Quem Somos” da Mídia Ninja. Disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

manifestantes e produziram e divulgaram os conteúdos nas redes sociais digitais enquanto o fato estava acontecendo.

Os Jornalistas Livres³ nasceram quando um coletivo de jornalistas se reuniu com o objetivo de criar conteúdo de maneira diferenciada da mídia tradicional. A mídia alternativa surgiu em 12 de março de 2015, para trazer temáticas que não são abordadas pelos grandes conglomerados de comunicação, com conteúdo mais próximo possível do viés “humanizador”, como afirma a jornalista Laura Capriglione (2019): “Queremos ser uma página respeitada por padrões éticos, sérios e por credibilidade”⁴.

O terceiro capítulo, “Greve de 30 de junho de 2017” vai fazer um breve levantamento dos motivos que fizeram com que ocorresse a segunda greve geral no Brasil, além de mostrar como se sucedeu a cobertura do movimento social por mídias jornalísticas tradicionais e pelas mídias alternativas.

No quarto capítulo, “O que dizem as imagens?”, será desenvolvido o segundo questionamento desta pesquisa: as mídias alternativas conseguem fazer uma cobertura diferente dos grandes conglomerados de notícias, assim como se propõem a fazer? Elas trazem temáticas em suas produções que não são abordadas com tanta frequência pelas mídias tradicionais?

O objetivo desta pesquisa de mestrado é identificar os elementos que compõem as fotografias durante a cobertura jornalística da Greve Geral de 30 de junho de 2017, e verificar se as imagens veiculadas seguem a linha editorial (disponível no site de cada mídia em “Quem Somos”) de ambas as mídias: “Jornalistas livres” e “Mídia Ninja”. Examinarei se existe a criação de narrativas que vão de encontro aos grandes conglomerados de notícias, ou seja, buscarei responder as perguntas: a produção engloba perspectivas que não são vistas na mídia tradicional? A cobertura foi diferente dos grandes conglomerados de comunicação? Sabendo que ambas as mídias, tanto Jornalistas Livres como Mídia Ninja se declaram como produtores de conteúdo independente ou colaborativo, ou seja, buscam ressaltar que não são vinculados aos mesmos sistemas financeiros da mídia tradicional, como por exemplo, a publicidade. Seguindo a linha de definição de “jornalismo alternativo” para

³ Conteúdo “Quem Somos” de Jornalistas Livres. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

⁴ Excerto retirado da entrevista concedida por Laura Capriglione pessoalmente à autora em 25/06/2019 e disponível no Apêndice A desta dissertação.

ambas as mídias, o objetivo é identificar se o conteúdo fotográfico produzido durante a cobertura da Greve Geral de junho de 2017 se identifica com a proposta de cada uma das mídias, como por exemplo, a produção de conteúdo humano, alternativo e diferente da mídia tradicional.

Ainda neste capítulo, será apresentado o conceito de noticiabilidade de acordo com o autor Mauro Wolf (2003), que afirma que o ato de selecionar o que merece ser visto e hierarquizar as notícias é um processo que engloba inúmeros fatores.

Atualmente, com o uso das redes sociais digitais e da internet, é possível acessar diferentes tipos de conteúdo de diversos produtores com muita rapidez e simplicidade, desde empresas tradicionais de comunicação até as mídias alternativas. Porém, com o grande volume de informação, é importante verificar se realmente existe diferentes opções de conteúdo. Focando nessa reflexão, as mídias alternativas realmente representam uma opção de conteúdo diferente do tradicional?

CAPÍTULO 1. EXISTE JORNALISMO ALTERNATIVO?

O jornalismo alternativo surge para ser um contraponto ao quarto poder⁵, a mídia tradicional, não somente como uma instituição fiscalizadora, mas também para estar presente e ser mais uma versão daquilo que é oferecido por determinadas fontes de comunicação, em especial, os grandes conglomerados de notícias. Este é o propósito de seu surgimento, porém, de acordo com Serrano: “Não há contrapoder para o poder midiático. Houve tentativas de criá-lo com os chamados observatórios de comunicação, mas eles não se consolidaram”. (SERRANO, 2013, p. 73-74).

Sendo assim, o cidadão também tem um papel importante nesse processo, pois representa o quinto poder, de fiscalizar o quarto poder (mídia). A mídia, por sua vez, tem o papel de fiscalizar os outros três poderes: o executivo, o legislativo e o judiciário.

O que o cidadão relativamente ativo em uma sociedade democrática deve fazer? Sempre que possível, tem que refletir a forma como a mídia dá conta da realidade. Esse processo tem que incluir o ato de questionar as notícias que foram escolhidas e a forma como ela está sendo retratada pela mídia, pois não existe informação neutra. (RAMONET, 2013, p. 99).

Para retratar o nascimento do jornalismo alternativo no Brasil, antes é necessário contextualizar a história do jornalismo brasileiro, que nasceu “oficialmente” no ano de 1808, com a impressão do primeiro jornal na cidade do Rio de Janeiro. Porém, de acordo com Pilagallo (2012), a situação da imprensa no país começou a progredir de fato a partir de 1821. O estado paulista se desenvolveu com certa demora nesta área:

O atraso da imprensa paulista em relação à nacional reproduzia, em menor escala, a defasagem da imprensa no Brasil em comparação com a estrangeira. O país desconheceu a invenção de Gutenberg enquanto durou a colônia, uma vez que os portugueses, sem interesse na circulação de ideias além da metrópole, proibiam a instalação de tipografias em seu território. O primeiro jornal brasileiro passou por um prelo mais de dois séculos depois que os periódicos começaram a aparecer na Europa. No Rio de Janeiro e nas províncias, a precariedade da comunicação dava um toque anacrônico ao

⁵ De acordo com o autor Ramonet (2013), a terminologia “quarto poder” se refere à mídia, imprensa. O quarto poder, ou a mídia, tem como propósito agir em prol da democracia e bom funcionamento dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) em conjunto, porém, o quarto poder é submetido ao poder econômico. Por isso, os autores Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet e Pascual Serrano (2013) discursam sobre o jornalismo alternativo e seu surgimento dentro de um cenário capitalista, que em teoria, não dependeria do fator econômico para pautar sua produção, muito menos para sobreviver.

cotidiano das cidades, onde funcionários da Coroa, precedidos pelo rufar dos tambores convocando a população para as praças, liam em voz alta as notícias oficiais (PILAGALLO, 2012, p. 19).

Na década de 20 do século XIX, há o crescimento de novos periódicos no Brasil em decorrência da política de Portugal. Na onda desse desenvolvimento, em 1827 no estado de São Paulo, sai a primeira edição do jornal impresso “O Farol Paulistano”. Em 1902, após a morte de Francisco Mesquita, seu filho, Júlio Mesquita, se torna o único proprietário do Estado de São Paulo, sendo responsável pela melhoria da qualidade do jornal e também pelo aumento das vendas. Mais tarde, na década de 1910, a estética modernista também chega ao jornalismo, quando Oswald de Andrade cria o jornal satírico chamado “O Pirralho”, que circulou entre 1911 e 1917. Em 19 de fevereiro de 1921, é inaugurada a Folha da Noite, jornal vespertino cuja maior parte dos fundadores vinha do Estado de São Paulo. Durante meados da década de 1940, o advogado e um dos proprietários das Folhas, Nabantino Ramos, assumiu o controle editorial. Em 1959 adotou um novo conjunto de regras, nomeado como “Normas de Trabalho da Divisão da Redação”, que com 275 páginas serviu como “escola” para as futuras gerações de jornalistas.

Já o Jornalismo alternativo nasce no século 18, como afirma o pesquisador Alexandre Haubrich: “As mídias alternativas existem no Brasil desde que existe luta. Na Revolta dos Búzios, em 1798, em Salvador, os revoltosos já utilizavam manifestos colados nas paredes como forma de apresentar sua palavra para a cidade” (HAUBRICH, 2017, p. 21-22).

O autor Haubrich conclui que o jornalismo alternativo surge com o propósito de se libertar do passado do jornalismo brasileiro. Além da mídia tradicional ter um começo tardio em relação aos outros países, como dito no início do capítulo, sua história não é marcada por grandes progressos. A origem “oficial” da mídia tradicional tem início durante o Brasil Colônia, em 1821, e havia uma ligação com o Estado, que funcionava através das facilidades financeiras. Sendo assim, os jornais se submetiam aos interesses de Portugal em troca de recursos financeiros para auxiliar em sua sobrevivência.

Como se vê, a questão do jornalismo independente é complexa e comporta um amplo leque de considerações que, embora apenas indicadas neste texto, apontam para a impossibilidade da existência de uma prática jornalística inteiramente livre de constrangimentos – vale dizer, um jornalismo que pairasse acima das disputas de poder que existem no seio da sociedade. Pode-se, no entanto, afirmar com segurança que as limitações à independência e autonomia do jornalismo não se originam apenas no Estado, mas estão presentes, inclusive, no interior dos grupos de mídia e no próprio exercício da profissão de jornalista (LIMA, 2009, online).

Além dos folhetins e outras publicações impressas, a mídia alternativa também esteve presente no rádio, que foi um importante meio de comunicação a partir de meados da década de 20. Vale a pena lembrar que a radiodifusão ocorreu em 1923, e atingia basicamente a elite brasileira, mas a partir deste momento foi alcançando o público em geral. O rádio foi interessante para o jornalismo alternativo por possibilitar a redução de despesas, facilitar a divulgação de conteúdo e também pelo potencial de atingir um número significativo de público. É relevante ressaltar que o rádio, além de ter custo relativamente baixo, não exigia que seu público fosse alfabetizado, como era o caso das publicações impressas como jornais e folhetins, que também ofereciam pouca qualidade de impressão em número pequeno de tiragens (isso ocorria com as publicações das mídias alternativas por conta do custo financeiro).

Mesmo com a trajetória marcada por dificuldades financeiras, o jornalismo alternativo se mostrou de extrema importância em períodos de revoluções, greves e crises políticas, sociais e econômicas:

Outro jornal criado para defender a Revolução Constitucionalista foi o Correio de São Paulo, legítimo representante do movimento revolucionário de 1932, o periódico tinha à frente Rubens do Amaral, cujos, artigos violentos eram lidos na Rádio Record por César Ladeira, “o locutor da revolução”, que sublinhava o tom inflamado e patriótico de suas irradiações com a marcha “Paris Belfort” ao fundo. [...] Embora a Record tivesse um “jornal falado” desde fevereiro daquele ano [1932], foram as transmissões sobre a Revolução Constitucionalista que marcaram o surgimento do radiojornalismo em São Paulo. E não se tratava do único pioneirismo: também pela primeira vez no Brasil se usava o rádio como instrumento de mobilização popular, com César Ladeira conclamando a população a pegar em armas em transmissões que entravam pela madrugada. (PILAGALLO, 2012, p. 104).

Como pudemos perceber, desde o início da história do jornalismo alternativo houve uma certa dificuldade no setor econômico, já que a mídia tenta se desvencilhar

das usuais formas de obter recursos financeiros, como é feito por mídias tradicionais. Sendo assim, é necessário refletir até que ponto as mídias alternativas conseguem manter sua liberdade financeira, já que estão inseridas em um sistema capitalista. Podemos notar que hoje as mídias alternativas utilizam muito as redes sociais digitais para divulgação de seu conteúdo, pois além de oferecerem ferramentas interessantes, também são “gratuitas⁶”.

Porém, o uso das redes sociais digitais pode não ser tão benéfico como pode parecer. Primeiramente, a liberdade dentro das redes sociais digitais pode ser questionada através da atuação de múltiplos fatores, como os algoritmos, perda dos direitos autorais da publicação e permissão de acesso ao conteúdo do dispositivo. Mesmo que as mídias alternativas queiram se desvencilhar da publicidade nos processos de produção e distribuição, não se pode desconsiderar a capacidade mercadológica que há no espaço oferecido pelas redes sociais digitais, utilizado com grande frequência pelos arranjos alternativos pelo fato de ser “gratuito”.

Mas qual seria a solução para ter mais autonomia nas redes sociais digitais? De acordo com o conceito de “liberdade de jogar contra o aparelho”, de Flusser (2011), há certas maneiras de driblar o que foi programado. Resta questionar até que ponto é possível obter mais autonomia nas redes sociais digitais, quando os algoritmos que agem nessas redes são desconhecidos. Podemos elucidar que quando se cria uma conta no Instagram, o usuário aceita os termos de uso (é obrigatório para criar um perfil) e a partir de então, fica sujeito aos códigos de uso estabelecidos pela rede social digital. É importante ressaltar que ao aceitar os termos de uso da rede, o usuário perde muita de sua autonomia, e às vezes não compreende como esse processo pode operar em seu dia a dia. O conteúdo publicado na rede, por exemplo, não pertence ao usuário que publicou, mas sim à rede social digital e, juridicamente, ela tem a autorização para fazer o que quiser com o material.

Em meados da década de 2010, ficou difícil permanecer otimista quanto ao papel da rede em organizar uma esfera pública digital nova e criticamente relevante. Vultosos lucros passam a emergir de uma publicidade digital centralizada em duas empresas, Google e Facebook, que possuem 75% dos US\$ 73 bilhões desde mercado nos Estados Unidos (BOND, 2017). Estas

⁶ Por serem gratuitas, redes sociais digitais oferecem uma importante opção para as mídias alternativas divulgarem sua produção, já que tornam o processo mais barato. Outros meios precisam de maiores investimentos, como por exemplo, o jornal impresso, que necessita arcar com os custos da impressão.

empresas, a partir de agora nomeadas de agentes intermediários digitais, visam a obtenção de lucro e mantem secretos os seus algoritmos de seleção e disponibilidade de feeds de notícias e resultados de busca (PASQUALE, 2017, p. 17).

Com a citação de Frank Pasquale (2017), é possível perceber que as mídias alternativas não estão tão distantes da publicidade como gostariam, já que a plataforma usada para a veiculação de seu trabalho (empresa Facebook) alcança consideráveis lucros com publicidade. Ou seja, a terminologia “independente” abrange uma enorme capacidade para discussão nesta pesquisa. Esse trajeto de discussão é essencial para traçar o percurso da atuação da Mídia Ninja e Jornalistas Livres, e como a escolha da veiculação nas redes sociais digitais não desvencilha as mídias alternativas da publicidade, por exemplo. Diante disso, a grande abertura de sentidos envoltos na terminologia “independente” pode criar a falsa impressão de que nada pode afetar o conteúdo ou a própria mídia que afirma ser “independente”, e pelos fatores já colocados e discutidos, percebemos que é inviável ser uma mídia independente.

Assim, o termo “independente” criaria uma falsa impressão sobre a possibilidade de esses meios não serem afetados pelas dinâmicas e movimentos das classes populares e pelos avanços e retrocessos das lutas em desenvolvimento no país. Em relação à noção de “mídia livre”, ela não abarca o recorte político das mídias alternativas, seu papel de contestação, de crítica e de busca por transformações, resumindo a caracterização a uma possível liberdade editorial e de organização.[...] A mídia comunitária, por sua vez, trata-se de um segmento da mídia alternativa – aquela verdadeiramente comunitária, porque como sabemos, há muitas emissoras de rádio que garantem legalmente a classificação como comunitárias para poder operar, mas, de fato, atuam como comerciais. (HAUBRICH, 2017, p. 23 e 24).

Por esta razão, decidimos utilizar a terminologia “jornalismo alternativo” nesta pesquisa, para não gerar dúvidas em relação à sua atuação. Porém, também é interessante citar que há outras variáveis como: arranjo alternativo⁷ e arranjo independente.

⁷ Conceito definido por diferentes autores como: Rafael Grohmann e Michele Roxo (2019); Ana Flávia Marques, Jamir Kinoshita e João Augusto Moliani (2018) para designar ao Jornalismo Alternativo.

1.1 Surgimento do jornalismo alternativo em São Paulo

Como o recorte geográfico desta dissertação se restringe a São Paulo, vamos focar na fala de Oscar Pilagallo (2012), que afirma que o jornalismo alternativo surgiu no estado em 1945. Ainda de acordo com o autor, o estado paulista tem diversas aparições do jornalismo alternativo no decorrer da história. Os arranjos alternativos também ficaram conhecidos como “nanicos” durante a década de 1940, isso porque as tiragens dos impressos eram em um número pequeno, quando comparadas à mídia tradicional. Em março de 1967 nasceu uma das principais linguagens do jornal alternativo chamado “Amanhã”, com periodicidade semanal. Já em 1972 foi criado o jornal impresso “Opinião”, que de acordo com Pilagallo “se tornou a mais influente publicação da imprensa alternativa que combateu a ditadura militar” (2012, p.192). Ainda de acordo com o autor, “Pelas contas de Bernardo Kucinski, protagonista e estudioso dos ‘nanicos’, entre os anos de 1964 a 1980 nasceram e morreram periódicos que tinham tração comum a oposição ao regime militar” (PILAGALLO, 2012, p.191).

Vamos avançar na elipse temporal da história do jornalismo alternativo e chegar até a atualidade (nesse percurso é importante ressaltar que o jornalismo alternativo não deixa de existir, e no processo natural de desenvolvimento, muitas mídias alternativas nascem e morrem). Recentemente, o movimento “Passe Livre” no Brasil serviu como divisor de águas para a inserção das mídias alternativas nas redes sociais digitais. O movimento que ocorreu em São Paulo, em 2013 foi acompanhado pelas mídias alternativas que utilizavam das Tecnologias da Informação – TICs para divulgar sua produção. A partir deste momento, surgiram novas mídias alternativas em São Paulo, como: Jornalistas Livres, Mídia Ninja, Viomundo, Ponte, Opera Mundi. Essas mídias ficaram conhecidas por fazer a cobertura aprofundada dos movimentos sociais a partir de 2013. Na ocasião das manifestações ocorridas em junho de 2013, os jornalistas acompanhavam a trajetória ao lado de manifestantes e faziam postagens em tempo real nas redes sociais digitais, dois grandes diferenciais em relação ao jornalismo brasileiro e a grande mídia, que até então não fazia isso com frequência. Foi nesse período que a Mídia Ninja foi citada no conteúdo jornalístico produzido pela

Rede Globo, tendo sua existência chancelada pela mídia tradicional. Uma dessas aparições ocorreu em 2013 no Jornal da Globo⁸.

Apesar de conectados por essas redes e, portanto, de não se informarem, não se divertirem e não se expressarem (prioritariamente) por meio da velha mídia, os jovens que detonaram as manifestações ainda dependem dela para alcançar visibilidade pública, isto é, para serem incluídos no espaço formador da opinião pública. Esse aparente paradoxo decorre do fato de que a velha mídia, sobretudo a televisão, (ainda) controla e detém o monopólio de “tornar as coisas públicas”. Além de dar visibilidade, ela é indispensável, para “realimentar” o processo e permitir sua própria continuidade (LIMA, 2013, p. 90).

Como mostramos no início do capítulo, a produção do jornalismo alternativo já ocorria desde o século XVIII no Brasil, porém, com diferentes terminologias. A partir de 2013, é possível observar que a prática ficou sendo conhecida por novos nomes durante as manifestações do movimento “Passe Livre”. As mídias alternativas tiveram uma forte participação através das TICs, o que tornou possível a grande visibilidade do trabalho dos arranjos alternativos. Por isso, é importante ressaltar que, mesmo com novas terminologias, o jornalismo alternativo não é recente, como é reforçado pelo referencial teórico utilizado ao longo desta pesquisa de dissertação.

É essencial refletir sobre a relevância das mídias alternativas ao longo da história e, atualmente, como a participação dessas mídias nas redes sociais digitais podem ter um papel de conexão com seu público ao construir o conteúdo jornalístico, já que as TICs oferecem recursos para tornar a interação mais fácil e rápida. Em contrapartida, vale lembrar que as tecnologias não estão disponíveis para todos atualmente, visto que pouco mais de 50% dos brasileiros têm acesso à internet em casa. Destes, 97% têm acesso à internet em dispositivos móveis, através de dados móveis pré e pós pagos e *wi-fi*.⁹ Desta porcentagem, há o número 1,1 milhões de “seguidores” da Mídia Ninja e 367 mil “seguidores” dos Jornalistas Livres no Instagram. Ao mesmo tempo que a tecnologia oferece facilidades, ela também deixa

⁸ Conteúdo disponível em: <<http://g1.globo.com/manifestacoes/2013/videos/t/rio-de-janeiro/v/manifestantes-criticam-prisao-de-integrante-da-midia-ninja-apos-protesto-no-rio/2711628/>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

⁹ Dados retirados da agência de notícias do IBGE. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 24 maio 2019.

um número significativo de pessoas exclusas, ou seja, por mais que o conteúdo produzido pelas mídias alternativas seja interessante para quem tem acesso à internet e às mídias, ainda há uma parcela que só tem acesso aos grandes conglomerados de comunicação.

Para que alguns cidadãos possam receber informações e ideias, deve-se garantir a outros o direito de transmiti-las. E esse direito, como todos nós sabemos, é propriedade de um oligopólio de poucas empresas de comunicação. Consequentemente, a mídia corporativa não exerce o direito à liberdade de expressão, e sim à censura, já que decide o que será publicado e divulgado e o que não. [...] Durante muito tempo, associamos ditadura ou abuso de poder no tocante à informação com censura, que consistia em proibir a divulgação de um determinado dado, fato ou opinião é impedida. Em outras palavras, existem diversas formas de censura (SERRANO, 2013, p. 76 e 77).

Nessa direção, Serrano (2013) reforça a concepção de que não basta produzir um excelente conteúdo jornalístico se ele não chega até seus receptores. O jornalismo alternativo pode ser uma maneira de ir de encontro com a mídia tradicional, porém, se o receptor não tem acesso à essas informações, de nada adianta. Vale ressaltar que o jornalismo alternativo nasce com o ideal de produzir um conteúdo diferente dos grandes conglomerados jornalísticos e ir contra as versões propostas pela grande mídia. Em geral, cada arranjo alternativo estudado nesta dissertação apresenta um ideal de trabalho em “Quem Somos” (Mídia Ninja)¹⁰ e “Quem Somos” (Jornalistas Livres)¹¹, que acaba servindo como norte em sua caminhada de produção e definição de pautas.

1.2 O desenvolvimento da produção jornalística na internet

Como podemos perceber, a história de muitas mídias alternativas se confunde com a história do desenvolvimento do jornalismo na internet. É graças a essa tecnologia da informação que muitas dessas mídias surgiram ou se consolidaram, já

¹⁰ Disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹¹ Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 maio 2019.

que as mídias alternativas Mídia Ninja e Jornalistas Livres afirmam que não utilizam da rentabilidade da publicidade para arcar com os custos, como as mídias tradicionais.

Um dos motivos que auxiliou o desenvolvimento das mídias alternativas na internet é a diminuição dos custos financeiros, como por exemplo, não ser necessário manter uma redação em espaço físico. Além disso, a distribuição é “gratuita” nas redes sociais digitais e blogs, o que permite alcançar mais rapidamente seu público. Como lembra Ramonet: “Outro grande problema [a crise que acerca as mídias jornalísticas tradicionais] é a organização de um modelo eficiente. Nenhum dos modelos vigentes traz garantia de rentabilidade [...]” (RAMONET, 2013, p. 53). De acordo com o autor, os meios de comunicação estão passando por uma crise, pois está mais difícil sobreviver no cenário econômico. Isso gera uma situação cada vez menos lucrativa, o que faz com que jornais e revistas fechem por falta de recursos para manter as despesas em dia.

A seguir vamos mostrar como é feita a apresentação para o público da Mídia Ninja e Jornalistas Livres, em seus respectivos sites. Mas antes, é importante salientar que mesmo a Mídia Ninja afirmando que não utiliza do apoio da publicidade, ela sobrevive com participação de editais públicos, como o da Petrobras. Esse rendimento cobre o valor de 3% a 7% das despesas anuais, como afirma Pablo Capilé em entrevista ao Roda Viva, em 2013¹².

A Mídia Ninja deixa claro em seu site que não é imparcial e que as relações e trabalho humano interferem na existência da imparcialidade. A principal plataforma usada por Mídia Ninja são as redes sociais digitais. O site foi criado depois que a Mídia Ninja já estava com determinado número de seguidores nas redes sociais¹³ e ainda hoje são as redes sociais digitais que oferecem grande visibilidade ao veículo, como Instagram, Facebook e Twitter.

¹² Dado retirado da entrevista que Bruno Torturra e Pablo Capilé do Mídia Ninja concederam ao Roda Viva em 05/08/2013. Conteúdo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kmvgDn-lpNQ>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

¹³ Idem.

Imagem 1: Captura de tela “Quem Somos” da Mídia Ninja



Somos uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho. Entendemos a comunicação democrática como um direito humano e defendemos o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, cultura, meio ambiente, juventude e outras que dialogam com os desafios do século XXI.

A Mídia NINJA foi fundada em 2013 e ganhou notoriedade durante as manifestações de junho que reuniram milhões nas ruas do Brasil. À ocasião realizou coberturas ao vivo de dentro dos protestos, com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional. Em 2016 foi uma das principais iniciativas de resistência na luta pelo fortalecimento da democracia em meio a instabilidade política. Hoje a rede engaja mais de 2 milhões de apoiadores e cerca de 500 pessoas diretamente envolvidas com o suporte de casas coletivas pelo Brasil. Em 2013, ganhou o Shorty Awards for our Social Media Profile.

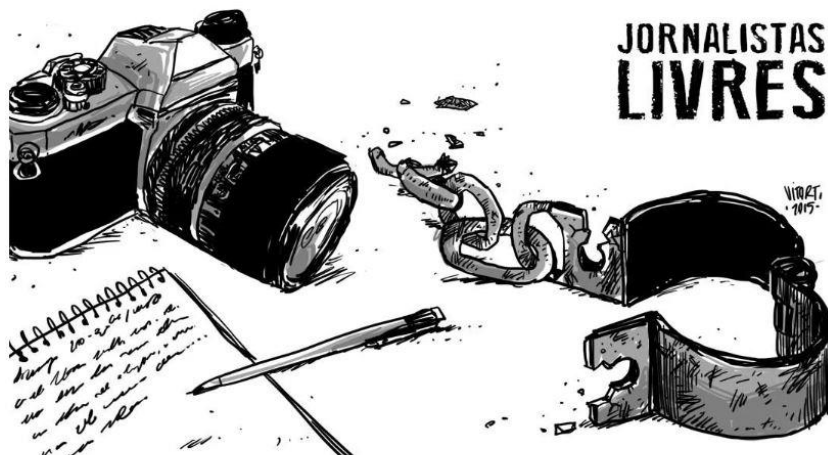
Fonte: Site do Mídia Ninja. Disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em 23 de mar. de 2019.

Jornalistas Livres descreve em seu site: “Nós somos os #JornalistasLivres. Somos uma rede de coletivos originada na diversidade. Não somos contra, somos a favor”. De acordo com a descrição do site, a mídia produz conteúdo jornalístico diferente do trabalho dos meios tradicionais.

Imagem 2: Captura de tela “Quem somos” do site da Mídia Ninja

Somos as e os #JornalistasLivres

Nós somos os #JornalistasLivres. Somos uma rede de coletivos originada na diversidade. Não somos contra, somos a favor. Quem somos nós?



#JornalistasLivres somos uma rede de coletivos originada na diversidade. Existimos em contraponto à falsa unidade de pensamento e ação do jornalismo praticado pela mídia tradicional centralizada e centralizadora. Pensamos com nossas próprias cabeças, cada um(a) de nós com sua própria cabeça. Os valores que nos unem são o amor apaixonado pela democracia e a defesa radical dos direitos humanos.

Fonte: Site dos Jornalistas Livres. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em 23 de mar. de 2019.

1.3 Fotojornalismo na Era Digital

Para dar prosseguimento a esta dissertação, é muito importante apresentar o conceito de fotojornalismo a partir da perspectiva de Jorge Pedro Sousa (2004). A definição de fotojornalismo vai auxiliar na compreensão do objeto de pesquisa e também no processo de análise.

- A) Fotojornalismo (lato sensu) – No sentido lato, entendo por fotojornalismo a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou “ilustrativas” para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. Neste sentido, a atividade caracteriza-se, mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; este pode estender-se das *spot news* (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um seu significado) às reportagens mais elaboradas e planejadas, do fotodocumentarismo às fotos “ilustrativas” e às *feature photos* (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas deambulações). Assim, num sentido lato podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentarismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa.

- B) Fotojornalismo (stricto sensu) – No sentido restrito, entendo por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 2004, p. 12).

Podemos concluir que o fotojornalismo tem um importante papel para a sociedade, mas não podemos esquecer que a foto não pode ser encarada como prova da realidade, mas sim como encenação, conceito apresentado por Soulages (2010). Para o autor, a fotografia não é capaz de captar o real, e a câmera consegue apenas retratar o que foi encenado, “pose fotográfica e afetação mundana, cultural e social” (SOULAGES, 2010, p.71).

Quando o fotógrafo pretende transmitir determinadas ideias em suas mensagens, ele precisa conhecer as técnicas fotográficas e como funciona o aparelho que opera. Assim, o fotógrafo terá maiores chances de “jogar contra o aparelho”. Com o conceito de “liberdade de jogar contra o aparelho” de Flusser (2011), podemos refletir até que ponto o fotógrafo consegue “enganar” o aparelho para fazer determinadas imagens e “driblar” as funcionalidades definidas do aparelho.

A competência do aparelho deve ser superior à competência do funcionário. A competência do aparelho fotográfico deve ser superior *em número de fotografias* à competência do fotógrafo que o manipula. Em outros termos: a competência do fotógrafo deve ser apenas parte da competência do aparelho. (FLUSSER, 2011, p. 37).

Por isso, é importante compreender como os aparelhos operam e quais são seus limites. Este apontamento não se refere apenas ao *smartphone* ou câmera fotográfica, mas também em outras tecnologias da informação, como redes sociais digitais e internet, por exemplo.

Em relação às Tecnologias da Informação - TICs, podemos acompanhar que o jornalismo alternativo sempre buscou formas mais econômicas para produção e divulgação de seu trabalho, como jornais impressos em baixas tiragens, folhetins ou programas em algumas rádios, e que essas plataformas também são consideradas como tecnologias da informação. Nesse sentido, a internet não inventou o processo,

ela apenas desenvolveu o que já existia. Posto isto, é ingenuidade pensar que a mídia alternativa não precisava de aparato tecnológico para sua produção, por exemplo, na época dos folhetins, havia um tipo mais primitivo de impressora que também é considerada uma TIC. Se não havia impressora, o próprio papel e caneta também são considerados Tecnologias da Informação.

A internet torna possível unir fotografia, áudio, texto e audiovisual em uma única publicação, ao contrário do jornal impresso ou televisão em que há um espaço limitado para publicação do material. Sendo assim, podemos concluir que a internet possibilita uma grande abertura quanto à disponibilização de conteúdo. Um exemplo disso é o uso da galeria com inúmeras imagens e vídeos correspondentes a uma única notícia, o que seria caro e inviável de ocorrer no jornalismo impresso.

Por isso, ao falar sobre as possibilidades da internet no campo da imagem, há pensadores como François Soulages (2017), que acreditam que estamos vivendo em uma sociedade coberta por imagens. Há tanta produção e compartilhamento como nunca houve antes. Essa quantidade de produção se deve, também, pela facilidade e velocidade que os dispositivos operam. A cada dia que a tecnologia se desenvolve, podemos acompanhar como o processo de fotografar está cada vez mais simplificado, o que não se restringe apenas ao campo jornalístico. Hoje, qualquer usuário tem a possibilidade de fazer suas próprias publicações, o que não era tão simples com o jornal impresso, rádio ou TV. Atualmente, o público interage muito mais rápido com os meios de comunicação através das redes sociais digitais, blogs e sites. Além disso, o receptor pode questionar, opinar nas postagens dos canais jornalísticos e interagir com outros usuários em um espaço curto de tempo e com mais simplicidade.

Além de facilitar a interação, a internet também simplificou o processo de criação e divulgação. Para explicitar o motivo pelo qual as pessoas estão cada vez mais fotografando, além da tecnologia do dispositivo que facilita a ação, há também o impacto da simplificação na distribuição da fotografia. Por isso, é importante citar a criação das redes sociais digitais e sua popularização. Anteriormente, os usuários tinham o hábito de compartilhar fotografias apenas em ambientes mais íntimos e físicos, como no caso dos álbuns de fotografia, por exemplo. Havia um longo percurso desde a produção da imagem até a revelação do filme fotográfico. Agora, o processo da produção até a veiculação pode custar apenas alguns segundos, e o conteúdo fica disponível para qualquer usuário da rede ao redor do mundo. Ao contrário da fotografia

analógica, em que era necessário imprimir as fotos para poder visualizar o que foi fotografado, hoje a foto é produzida, editada e compartilhada com facilidade e rapidez.

A fotografia tem se prestado, desde sua invenção, ao registro amplo e convulsivo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças a um sem número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 170 anos. (KOSSOY, 2014, p. 132).

A produção de imagens em larga escala também pode gerar algumas preocupações, como é relatado pelo pesquisador Boris Kossoy (2014), que questiona sobre o “pensar a imagem” e como a fotografia tem importância para questões culturais em uma sociedade. Quando uma imagem é produzida, muitos elementos representam a época, política e comunidade que o fotógrafo está inserido. Quando deixamos o algoritmo de um *smartphone* ou uma câmera fotográfica “decidir” o que é fotografável, mesmo partindo do pressuposto que esse algoritmo seja elaborado por humanos, muitos componentes ficam de fora e contribuem para tornar a mensagem imagética vaga. Por isso, é importante refletir até que ponto realmente produzimos uma imagem, pois ela carrega consigo informações sobre seus elementos desde os aspectos culturais até limitações tecnológicas.

O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. Toda fotografia resulta de um processo de criação; ao longo desse processo, a imagem é elaborada, construída técnica, cultural, estética e ideologicamente. (KOSSOY, 2014, p. 31 e 32).

Um dos papéis que podem ser desempenhados por imagens, de acordo com Kossoy (2014), é mostrar que a função cultural permeada pela fotografia está muito além de informar, assim como sua capacidade para desinformar, emocionar e transformar, denunciar e manipular.

Pensando no papel da imagem, o autor nos leva a refletir também sobre os aparelhos. Por mais que o objetivo do aparelho seja simplificar, o processo fotográfico

tem o potencial de tornar a produção de imagens um modelo de produção em rede. Como uma linha de execução, pode deixar em segundo plano ou até mesmo de lado as outras funcionalidades que pode trazer para sociedade, como a reflexão, a informação, a arte, o repúdio, a manifestação e etc.

(Vivemos de fato em um universo em expansão: a mídia nos oferece cada vez mais coisas que não podemos experimentar diretamente, e nos priva de outras com as quais poderíamos ter contato.) Se nos ativermos à pedra com obstinação, podemos arriscar a seguinte afirmação: vivemos, falando de forma crua em três reinos – o reino da experiência imediata (a pedra lá fora), o reino das imagens (a fotografia) e o reino dos conceitos (as explicações). (FLUSSER, 2007, p.112-113).

De acordo com Flusser (2011), a imagem é uma superfície significativa na qual as ideias se inter-relacionam magicamente, mas o sentido muda quando a fotografia é produzida por aparelhos. Sua programação pode contribuir para a condução da produção e interpretação. Isso ocorre porque o dispositivo móvel é programado com dados de referência do que seria uma imagem ideal a partir de uma determinada concepção como, por exemplo, a ferramenta da câmera que permite fotografar automaticamente pessoas sorrindo ou “congelar” automaticamente a cena para que nada fique desfocado. Há ainda *smartphones* que selecionam a “melhor” fotografia produzida. Podemos constatar que os aparelhos, que foram criados com o objetivo de auxiliar o trabalho do ser humano, hoje podem produzir uma imensa lista de operações.

Antes de mais nada, é preciso haver acordo sobre o significado de aparelho, já que não há consenso para este termo. Etimologicamente, a palavra latina *apparatus* deriva dos verbos *adparare* e *praeparare*. O primeiro indica prontidão para algo, o segundo, disponibilidade em prol de algo. (FLUSSER, 2011, p. 31).

Atualmente, os aparelhos são capazes de muitas coisas. Os *smartphones*, por exemplo, têm competência para produzir imagens com suas “câmeras inteligentes” e ainda contar com muitas outras ferramentas. Podem ser considerados uma “caixa preta”, de acordo com o conceito desenvolvido por Flusser. Pois essa caixa preta é

um aparelho que tem funcionamento desconhecido para a maioria de seus operadores, como se literalmente fosse uma caixa preta. Se fôssemos trazer o conceito de “caixa preta” para o mundo da fotografia atualmente, esse aparelho poderia ser uma câmera fotográfica ou até mesmo um *smartphone*. Vale lembrar que, quando o autor escreveu a obra, em 1983, muitos dos aparelhos que existem hoje não passavam de vagas ideias, o que cria a sensação de que Flusser pôde antecipar o futuro quando escreveu sua obra, na década de 1980.

Quem vê a imagem técnica parece ver seu significado, embora que indiretamente. O caráter aparentemente não-simbólico, o objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia nos seus próprios olhos. [...] A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto todas as imagens. [...] Decifrá-las é reconstituir os textos que tais imagens significam. (FLUSSER, 2011, p. 24-25).

Ainda sobre o conceito de Caixa Preta, é indiscutível fazer uma conexão sobre importância dos aparelhos na nossa vivência e como passamos a viver em função dos aparelhos. Um exemplo para expor como vivemos em função deles, é como a programação das novas tecnologias de *smartphone* podem agir na relação com seus usuários, podendo afetar o modo como as imagens são ressignificadas e interpretadas. A partir da reflexão anterior, é possível questionar sobre a “liberdade de jogar contra o aparelho” (FLUSSER, 2011, p.100), questão levantada pelo autor sobre as possibilidades que o usuário tem de se “libertar” do que foi programado para ser realizado com o aparelho (neste caso, *smartphone* ou câmera fotográfica).

Mesmo que as imagens técnicas possam parecer a equivalência do real por se tratar de um conteúdo produzido por aparelhos, Flusser também mostra que “o que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem” (FLUSSER, 2011, p. 25).

Além da programação do aparelho, que limita a captura da cena, o fotógrafo também faz uma série de escolhas ao fotografar, o que torna a imagem apenas uma pequena parte da realidade: “O processo de criação do fotógrafo engloba a aventura

estética, cultural e técnica que irá originar a representação fotográfica, tornar material a imagem fugaz do mundo, torná-la, enfim, um documento” (KOSSOY, 2016, p. 28).

Quadro 1: Imagem Fotográfica: Documento/Representação



Fonte: KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

Ou seja, podemos apontar que a imagem é apresentada como uma interpretação de quem a produziu, pois tem a capacidade de oferecer tantos vieses e olhares de quem a fez que não podemos classificá-la como prova do real, mas sim como uma versão da cena e nunca como espelho da realidade. Como é o caso da primeira e segunda realidade que são propostas pelo autor Boris Kossoy. A primeira realidade se refere ao assunto em si que, independentemente de sua representação, “seria o momento em que a luz refletida pelo referente incide sobre o elemento fotossensível e a imagem é gravada” (KOSSOY, 2016, p.37). Enquanto a segunda realidade é a representação, “conteúdo explícito da imagem fotográfica” (KOSSOY, 2016, p.38). Como afirma o autor:

A fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do assunto selecionado, no contexto da vida (primeira realidade), para a realidade da representação (imagem fotográfica: segunda realidade); trata-se, pois, também de uma transposição de dimensões. (KOSSOY, 2016, p.38).

Sendo assim, vamos seguir a linha teórica que as narrativas visuais têm uma grande potencialidade para inúmeras representações. As imagens captam apenas uma vertente do real, por isso, é necessário realizar a análise das imagens para ir em busca da compreensão.

CAPÍTULO 2. FOTOJORNALISMO E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

A rede social digital Instagram foi criada por Mike Krieger e Kevin Systrom, e lançada em outubro de 2010. A rede nasceu com o objetivo de servir como blog pessoal e operar com a divulgação de fotografias instantâneas produzidas em celulares e *smartphones*, nada muito elaborado. Por isso, há uma ferramenta de edição rápida e simples. Mesmo com o objetivo de postagem de fotografias que foram produzidas no momento, os usos da rede social digital foram mudando com o passar dos anos. Hoje, há perfis de profissionais, publicidade e conteúdo jornalístico.

A estética de produção e compartilhamento instantâneo do Instagram contribui para o discurso de “transparência” em suas publicações, “permitindo que também esta seja uma forma de registro jornalístico, imbuído ainda mais da legitimidade pela marcação georreferenciada e pela simultaneidade do registro e do consumo” (ARAGÃO, 2012, p. 09). É interessante refletir como uma rede social digital se relaciona tão bem com a divulgação de conteúdos de cunho informativo.

Assim, pela assimilação de uma “lógica descentralizada da própria rede”, temos hoje uma circulação de fotografias, e não mais uma distribuição, esta que era determinada a partir de um centro irradiador, quase sempre reconhecido na figura das grandes empresas comunicacionais. [...] Assim supondo-se que há agora uma nova ambiência de circulação, que flexibiliza esse sistema de distribuição, e, ao mesmo tempo, está fortemente estruturada pela subjetividade exacerbada através da intimidade e afetividade de seus usuários, o fotojornalismo, ao também adentrar nesse universo, pode ser um importante parâmetro para se observar as possíveis renegociações advindas desse “desprendimento” de uma fotografia telemidiatizada. (SOUZA E SILVA, 2015, p.111-112).

Não vamos entrar no campo de discussão de acesso à internet ou à tecnologia, mas ao fato das notícias estarem presentes no Instagram. Vale ressaltar que as redes sociais digitais se tornaram um espaço interessante para discussões. O receptor estabelece uma comunicação mais simples e rápida com as mídias de comunicação e também pode interagir com outros usuários. Este tipo de ação não ocorre com a TV ou jornal impresso, por exemplo, como já dito no primeiro capítulo.

Ao refletir sobre discussões de usuários no Instagram (ou em outra rede social digital), é preciso ressaltar que esse não é um território neutro, pois tem ação de

algoritmos e publicidade. Além dos algoritmos e publicidade, é relevante citar que o campo das relações na internet é administrado por dois grandes conglomerados de comunicação, que são Facebook e Google. Ou seja, não é um espaço isento para deliberação pública, mas, ainda assim, é um espaço interessante para discussões.

Como os algoritmos ainda operam de forma desconhecida por seus usuários, pode-se afirmar que ainda há uma grande lacuna na linha de conhecimento envolvendo a experiência do usuário na rede social digital. Não há informações suficientes a respeito do funcionamento da atuação dos algoritmos na seleção de conteúdo na ferramenta de busca e sobre a forma que ocorre a disposição de conteúdo na “*timeline*” de cada usuário. Sendo assim, podemos enunciar que a busca não opera de forma neutra. Mesmo com as problemáticas apresentadas anteriormente, o uso do algoritmo é necessário devido à grande disponibilidade de conteúdo na rede, visto que o usuário desperdiçaria um tempo considerável para encontrar o que deseja. Em contrapartida, um questionamento permeia esta discussão: como falar em “liberdade” se somos conduzidos por algoritmos?

Ainda sobre os conteúdos nas plataformas digitais, é preciso reconhecer que os termos de uso das redes sociais digitais (Facebook, Instagram e WhatsApp¹⁴) informam que os direitos autorais de todo e qualquer conteúdo que é veiculado em sua rede são transferidos automaticamente para o domínio da empresa Facebook, tornando-a detentora de todo material veiculado em sua plataforma. Pensar sobre direito de conteúdo está muito além de deter a posse de publicação, pois essas redes têm acesso aos dados contidos nos dispositivos que acessam essas plataformas. Em outras palavras, os termos de uso permitem que as redes sociais tenham acesso às informações contidas no dispositivo de acesso (como imagens, documentos, localização, microfone, dentre outros) dos usuários. A pesquisadora José van Dijck (2017) esclarece como esse processo, que é chamado de datificação, ocorre nas redes sociais digitais. A datificação é o monitoramento humano nessas redes. Para explicar esse funcionamento, ela usa o preceito de Mayer-Schoenberger, que acredita nas problemáticas que cercam o funcionamento da datificação (DIJCK, 2017, p.41):

¹⁴ Termos de uso das redes sociais disponíveis em:

<<https://www.facebook.com/help/111814505650678>>. Acesso em: 01 de dez. de 2019.

As redes sociais digitais Facebook, Instagram e WhatsApp fazem parte da mesma empresa.

Por mais convincentes que sejam alguns exemplos de Big Data em pesquisa, a ideologia do *dataísmo* (*dataism*) mostra características de crença generalizada na quantificação objetiva e o potencial monitoramento de todos os tipos de comportamento humano e de sociabilidade, por meio de tecnologias de mídia on-line. Além disso, o dataísmo envolve também a confiança nos agentes (institucionais) que coletam, interpretam e compartilham os (meta)dados extraídos da mídia social, das plataformas da internet e outras tecnologias de informação. (DIJCK, 2017, p. 41).

Ainda é desconhecida a totalidade de informações que as redes sociais digitais podem ter acesso após o aceite do usuário aos termos de uso. É importante salientar que não há uma cláusula que especifique quais tipos de informações são coletadas e transmitidas à própria empresa e a terceiros (como instituições governamentais e empresas de publicidade, por exemplo). Como não há nenhuma especificação nos termos de uso, pode ser possível o acesso a qualquer tipo de dado, como ligações, extratos e até mensagens, como já dito anteriormente. É interessante ressaltar que para o senso comum, o Facebook coleta informações com objetivo de melhorar a navegação do usuário no sistema de busca e também ao conteúdo publicitário oferecido. Reforço ainda, que não é possível ter certeza sobre a capacidade de obtenção e divulgação das informações coletadas.

Mesmo com as adversidades que tornam as redes sociais impróprias para um espaço de deliberação pública, elas podem ser ferramentas importantes para fomentar o diálogo entre seus usuários. Principalmente para fortalecer o sistema político democrático, pois os participantes da rede podem usar suas funcionalidades a favor do coletivo, através do diálogo, organização e divulgação de eventos e compartilhamento de informações e notícias.

Assim como a política interfere no modo de vida, a tecnologia também é responsável por modificar e ser modificada de acordo com a necessidade humana. O mesmo acontece com o jornalismo, que “tem tentado acompanhar mudanças de tecnologia destes dispositivos que atualmente tem visto, desde a popularização do iPhone, em 2007, o crescimento de uma nova forma de consumo midiático”. (ARAGÃO, 2012, p. 01).

2.1 Fotografia, jornalismo, estética e Instagram

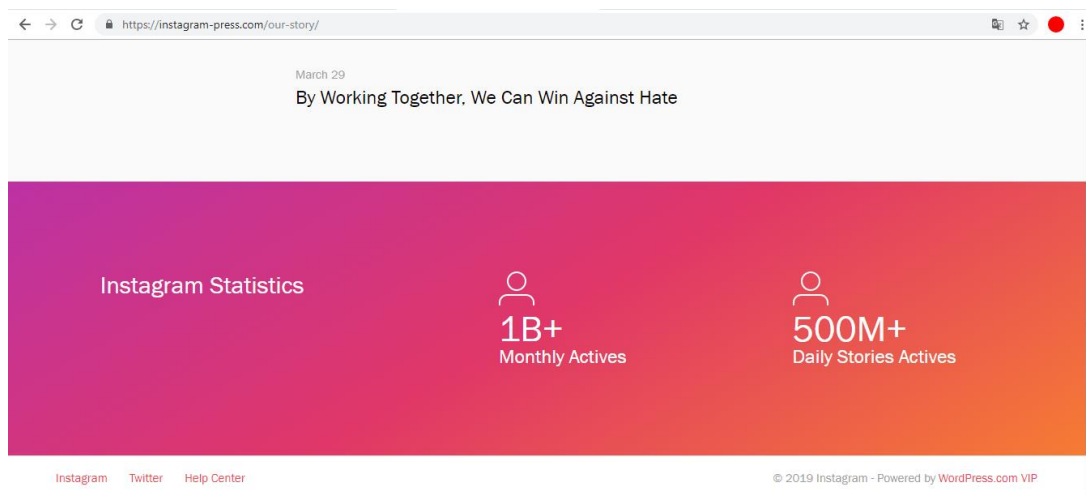
Como afirma o pesquisador Rodrigo Martins Aragão (2012), a rede social digital Instagram tem seu direcionamento em compartilhamento de fotografias, apesar de também ser possível veicular vídeos de até 30 segundos. A rede social digital possui a ferramenta “*story*”, recurso de publicação diária com duração de 24h online na rede, com enfoque em passagens rápidas.

Lançado em 2010 na *Appstore* exclusivamente para dispositivos da iOS, o Instagram fez sucesso nos primeiros meses entre os usuários do iPhone, mas em 2012 se tornou um dos principais agentes nessa nova cultura dos aplicativos. No mês de abril de 2012, quando lançou sua versão para aparelhos Android e atingiu a marca recorde de 1 milhão de downloads em 24 horas, a empresa fundada pelo brasileiro Mike Krieger e pelo estadunidense Kevin Systrom foi comprada pelo Facebook pelo valor também recorde de 1 bilhão de dólares por um aplicativo. (ARAGÃO, 2012, p. 08).

Em entrevista ao jornal Estado de São Paulo em 2014, o cofundador do Instagram, o brasileiro Mike Krieger disse: “Buscávamos dar às pessoas ferramentas para que elas pudessem mostrar o mundo não da forma como uma câmera captou, mas sim como elas se lembravam do que tinha acontecido¹⁵”.

¹⁵ Conteúdo disponível no endereço: <<https://link.estadao.com.br/noticias/geral/brasileiro-que-criou-o-instagram-mike-krieger-fala-sobre-futuro-do-aplicativo,10000029973>>. Acesso em: 13 março 2019.

Imagem 3: Captura de tela da Página oficial do Instagram na web



Fonte: Site Instagram Press. Disponível em: <<https://instagram-press.com/our-story/>>. Captura de tela realizada em: 16 de abr. de 2019.

Nesta página de 2019, o *Instagram Press* divulga que a plataforma tem mais de 1 bilhão de postagens por mês, 500 mil novas postagens por dia e mais de 400 mil *stories*. O autor Silva Jr. (2012) explica como a rede social digital Instagram pode operar quanto ao compartilhamento de imagens:

O fotografar-compartilhar-consumir simultâneo e georreferenciado amplia a independência da fotografia como registro. Assim “a fotografia reassume com mais força o seu papel de meio de comunicação próprio, sem necessariamente estabelecer uma combinação com outras modalidades de discurso”. (SILVA JR. apud. ARAGÃO, 2012, p. 9).

Ainda de acordo com o autor, compreende-se como a relação de mobilidade e jornalismo pode ser benéfica quando os dois elementos operam juntos, já que esse fator impacta na velocidade de publicação e recebimento da informação.

Sendo assim, a rede social digital Instagram possui uma série de ferramentas que permitem a edição rápida e simples de fotografias para o seu consumidor. Porém, a limitação da edição e dimensão do formato da fotografia seguem um padrão estipulado pelo Instagram. Com o surgimento da rede social digital e durante seus primeiros anos de circulação, era permitido apenas a publicação em

formato de quadro fotográfico com *aspect ratio* de 1:1, que pode ser considerado um fruto da câmera binocular (também conhecida como *detective camera*) utilizada entre os séculos XIX e XX por detetives e também das câmeras instantâneas usadas no século XX e XXI, como as produzidas pela Kodak, por exemplo (MONFRINATO; SOUZA E SILVA, 2016, n.p). É importante salientar que, posteriormente, houve inúmeras modificações até chegar na configuração atual. Não podemos esquecer que, além das restrições de espaço que a rede social digital oferece, também há limitações oferecidas pelos dispositivos, como celular ou câmera fotográfica.

[...] muitas câmeras digitais operam com seus sensores no recorte APS-C (que apesar de possuir uma área menor do que o 35mm, precisamente herdou o retângulo do último processo fotográfico baseado em película, o *Advanced Photo System*, fabricado entre 1996 e 2004), há de se considerar algumas consequências dessa estreita relação entre fotografia e seu novo suporte, agora eletrônico, a tela. Tradicionalmente, a tela eletrônica operou preponderantemente numa proporção retangular distinta da proporção 3;2, isso pela razão de que a ascensão do vídeo e da TV se deu através da proporção 4:3, fazendo com que muitas das câmeras fotográficas digitais mais populares imediatamente absorvessem a estrutura já desenhada sob os mesmos parâmetros (nesse sentido, são exemplares as câmeras compactas da Sony e da Canon, por exemplo, que já tinham forte tradição na indústria voltada para o vídeo). No final da década de 1980, surge a proposta do padrão HDTV (*High Definition Television*), cujo aspecto *ratio* era de 16:9, com o objetivo de abarcar e aproximar os parques tecnológicos de vídeo e cinema (ROBERTS-BRESLIN, 2002, P. 20-28), padrão este que é referência atualmente na construção das telas de TV e *smartphones*. (MONFRINATO; SOUZA E SILVA, 2016, n.p).

O enquadramento e o espaço disponível na rede social digital, ou até mesmo o espaço disponibilizado pela câmera e lentes escolhidas, pode ser considerado como um elemento que irá impactar no registro da cena, assim como na mensagem que será transmitida.

Então, podemos constatar que o processo de edição vai além do uso de *software* ou aplicativo, pois o enquadramento escolhido pelo fotógrafo também é um ato de seleção de elementos e sentidos, assim como o momento de selecionar o equipamento a ser utilizado é também um ato de edição. Um fator a ser considerado é se a imagem vai ser divulgada em uma galeria física ou no Instagram, pois essa decisão também impacta no resultado. Outro ponto interessante a ser elencado é o

uso do *smartphone* na vertical para a produção e compartilhamento das imagens e como o seu uso nesta direção interfere na recepção do conteúdo:

[...] a ascendência da microinformática e sua lógica de varredura vertical vêm se impondo no uso desses *gadgets*, e a orientação vertical do retângulo é priorizada (coadunando, inclusive, com a própria ergonomia dos telefones móveis, que também sempre foi baseada numa estrutura vertical para atender à simultaneidade da escuta e da fala), o que vem fomentando, por exemplo, a recorrência da captura de vídeo no retângulo em posição vertical (MONFRINATO; SOUZA E SILVA, 2016, n.p).

A simplicidade de fotografar-editar-compartilhar oferecida pelo Instagram pode mostrar como a fotografia utilizada como registro está ganhando um grande espaço, e a rede está comportando cada vez mais imagens produzidas e vistas por uma infinidade de “usuários”.

Nesse sentido, talvez mais importante que o discurso visual gerado pelas alternativas desprezadas, é perceber o efeito da agregação no entorno do pertencimento simbólico existente entre quem observa o que é fotografado. Instagram, por exemplo, ganha ossatura e impacto pelo efeito da conexão entre pessoas. (SILVA JR., 2012, p.09).

A pesquisadora Flávia Garcia Guidotti escreveu um artigo em 2017 sobre as produções no Instagram de cinco veículos jornalísticos brasileiros (Folha de São Paulo; Estado de São Paulo; O Globo; Zero Hora e Diário Catarinense) e entrevistou os respectivos editores de fotografia sobre a estética de publicação jornalística no Instagram:

Os editores foram unânimes em afirmar que a estética era um dos atributos mais importantes no momento de escolher uma fotografia para postar na rede social Instagram. Talvez por ser uma rede social específica de imagens os atributos estéticos sejam até mais importantes que o conteúdo noticioso das fotografias. Ainda através das entrevistas com os editores de fotografias desses veículos foi apurado que a maior parte das fotografias publicadas são provenientes de câmeras profissionais e não de *smartphones*, como na origem do aplicativo, o que acaba gerando um padrão estético diferente do usualmente utilizado na rede social, que foi criada para atender a demanda de quem fazia fotografias em *smartphones*, que até pouco tempo atrás não possuíam alta qualidade técnica, sendo necessária a aplicação de filtros para

mascarar os defeitos provenientes da baixa resolução de imagens. (GUIDOTTI, 2017, p. 02).

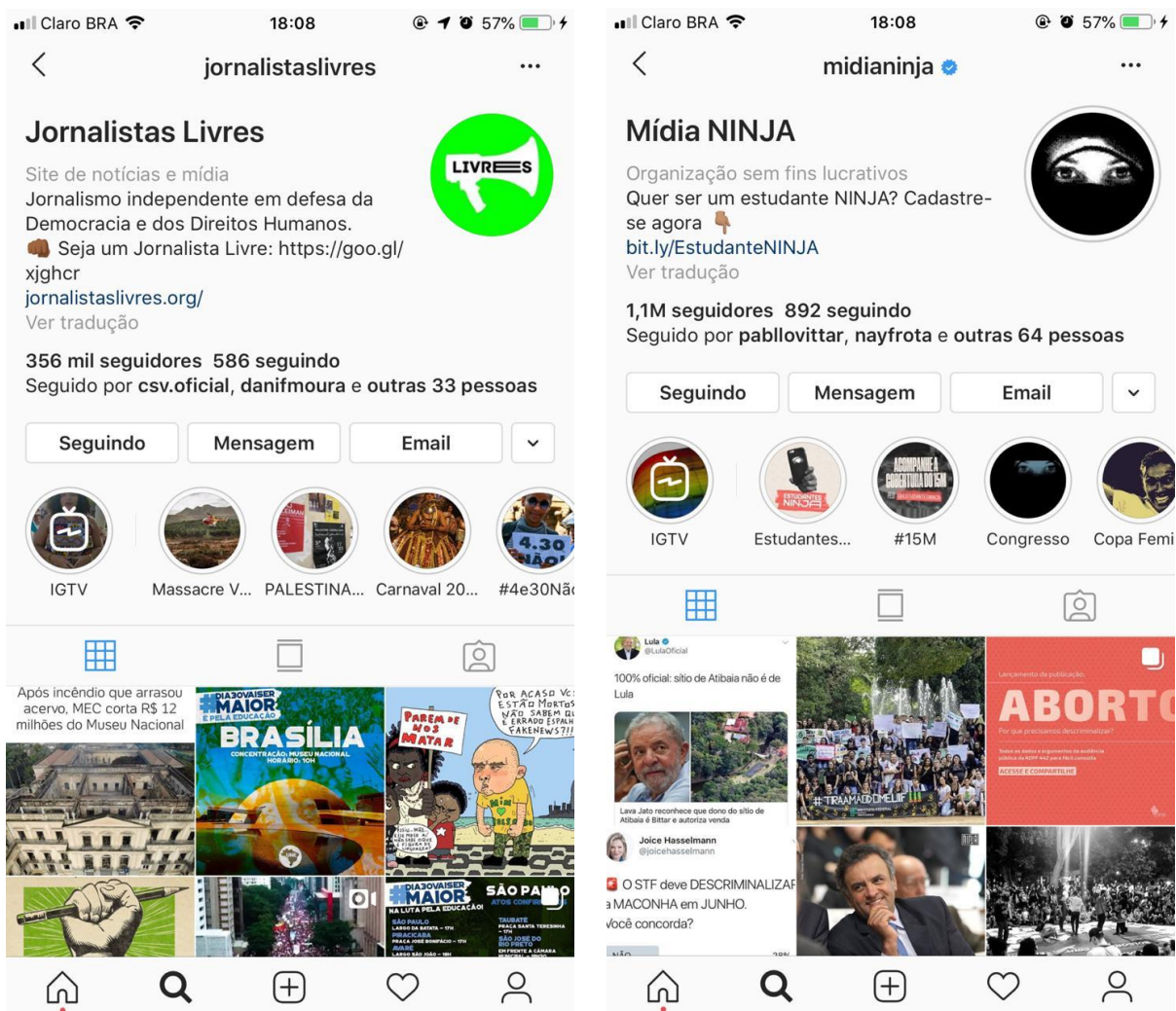
Posto isto, não podemos esquecer que a história do fotojornalismo está ligada a duas instâncias: à evolução técnica dos dispositivos fotográficos e ao uso que se faz dessas imagens.

Vivemos sob uma chuva interrupta de imagens, os media todo poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagórica de jogos de espelhos – imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis. Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória [...] (CALVINO apud GUIDOTTI, 2017 p.05).

A *timeline* ou mosaico do perfil do Instagram é a “página inicial” que contém todas as publicações feitas por determinado perfil (é possível editar e excluir as postagens posteriormente). De acordo com Monfrinato e Souza e Silva (2016), o Instagram passou a permitir a publicação de fotos no formato retangular, porém, no mosaico inicial, as fotografias continuam sendo mostradas no formato 1:1. Para visualizar a fotografia no tamanho que foi publicada juntamente com a legenda e comentários, é necessário clicar na imagem (o formato é o mesmo no aplicativo e web).

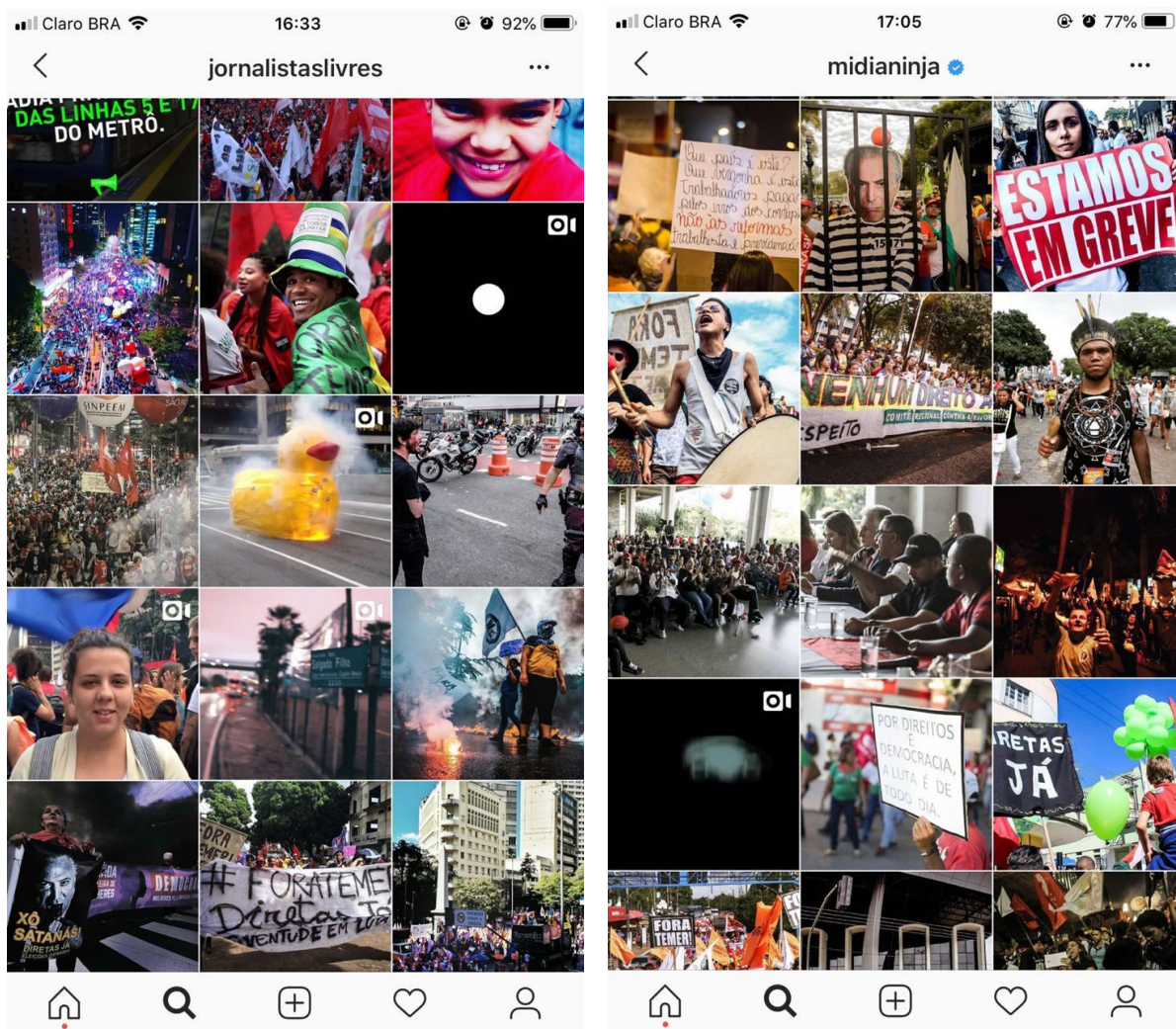
A seguir, apresentamos o mosaico da tela inicial das mídias alternativas Jornalistas Livres e Mídia Ninja e também da Folha de São Paulo e Estado de São Paulo (que serão usadas como base de comparação). Os mosaicos da página inicial são referentes ao dia da cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017 das respectivas mídias (**Imagens 5, 6, 7 e 8**):

Imagem 4: mosaico tela inicial do Instagram de Jornalistas Livres e Mídia Ninja



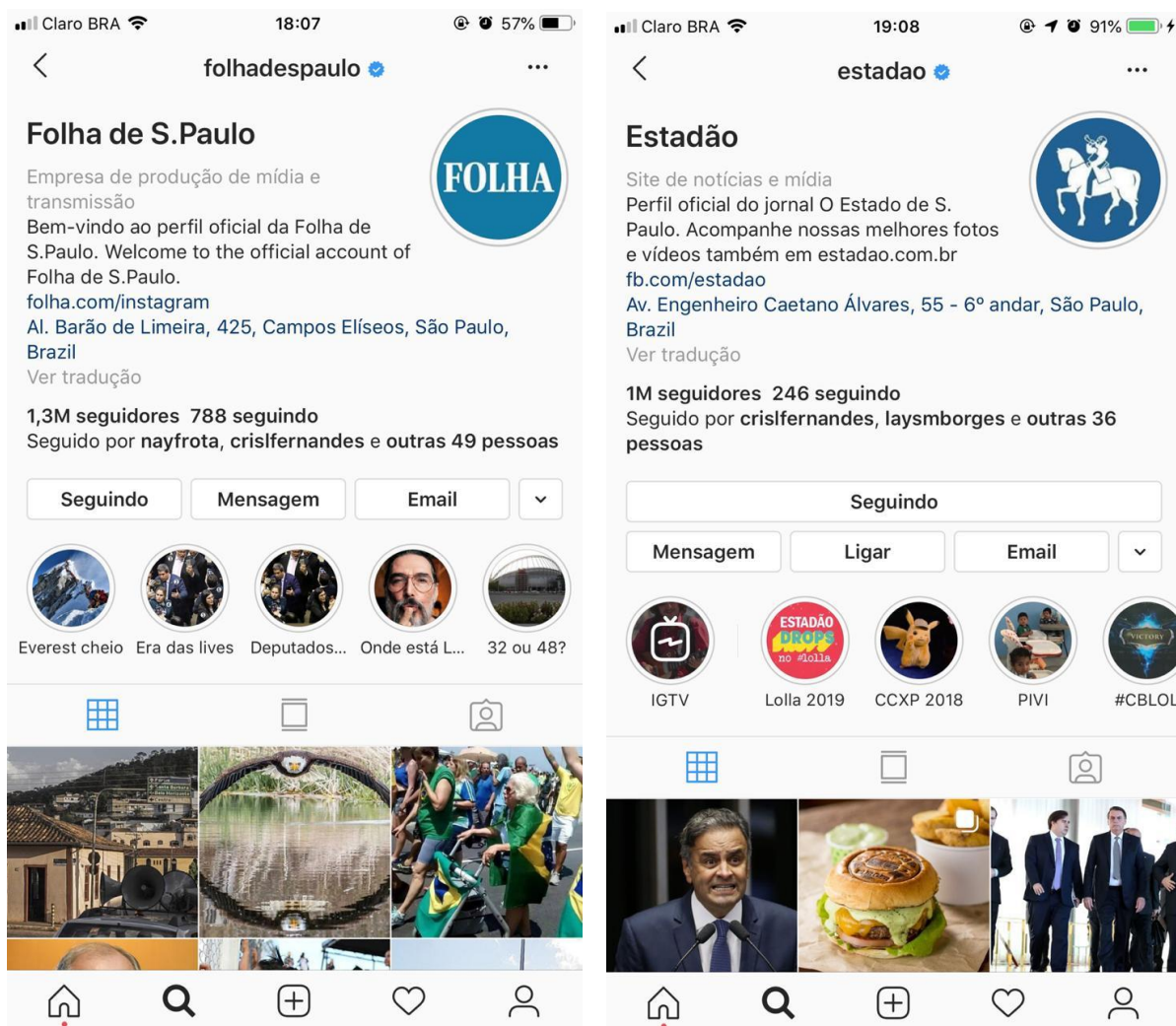
Fonte: Captura de tela do perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) e Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Capturas de tela realizadas em 28 de maio de 2019.

Imagem 5: timeline do Instagram Jornalistas Livres e Mídia Ninja referentes a 30/06/2017, dia da Greve Geral



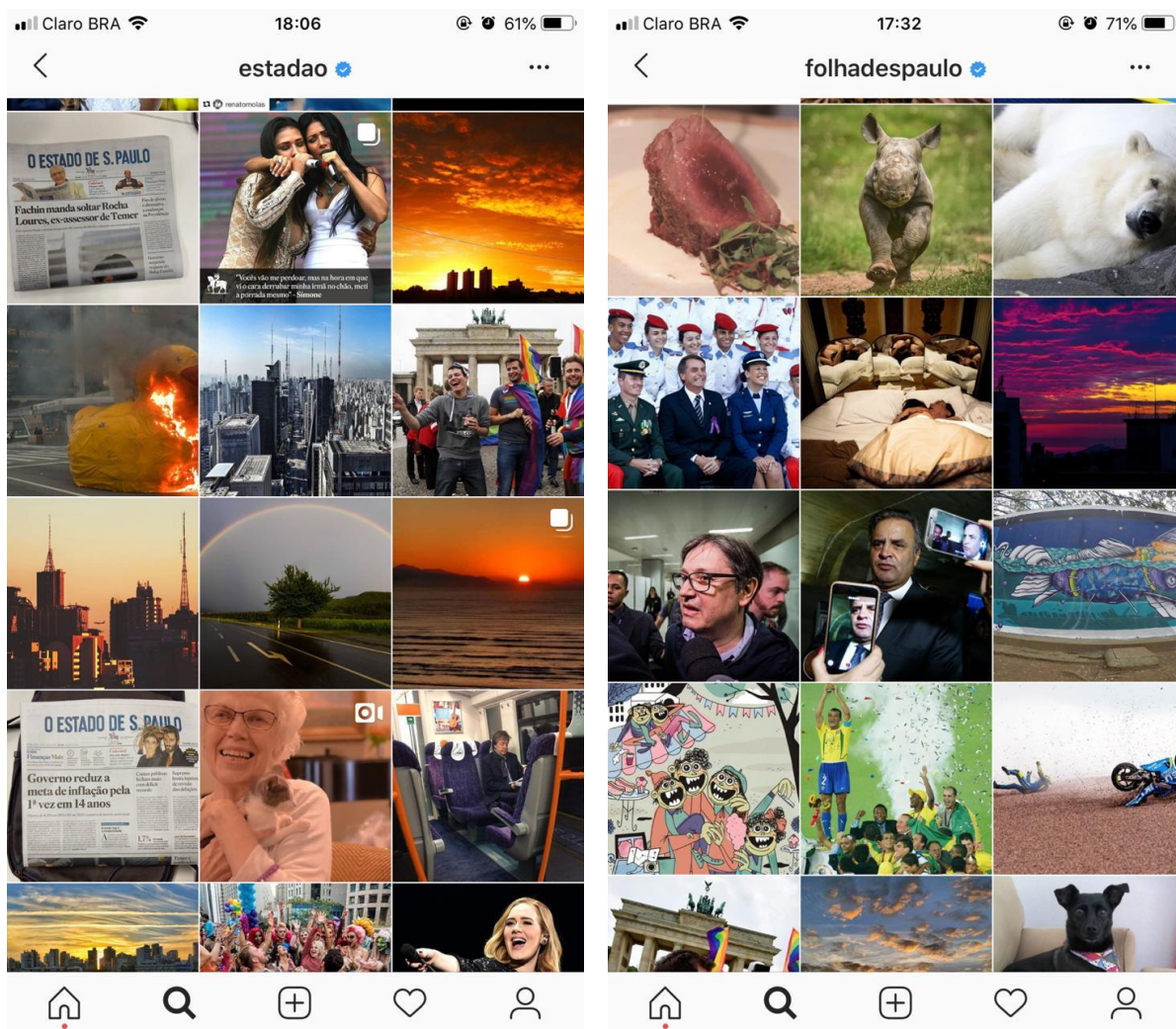
Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) e Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Capturas de tela realizadas em 28 de maio de 2019.

Imagem 6: mosaico tela inicial Instagram da Folha de S.Paulo e do Estadão



Fonte: Captura de tela do perfil da Folha de São Paulo (@folhadespaulo) e do Estadão (@estadao) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Imagem 7: *timeline Instagram* do Estadão e da Folha de S.Paulo referentes a 30/06/2017, dia da Greve Geral.



Fonte: Perfil de Estadão (@estadao) e Estado de S.Paulo (@folhadespaulo) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Capturas de tela realizadas em 28 de maio de 2019.

2.2 História da Mídia Ninja e Jornalistas Livres

2.2.1 Mídia Ninja

Um grupo chamado N.I.N.J.A, sigla em português para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação, tem circulado através das ruas com seus

smartphones, câmeras e um gerador em um carrinho de supermercado – um estúdio improvisado e itinerante. (The New York Times)¹⁶

Segundo o livro “Jornalismo século XXI: o modelo #mídiaNINJA”, escrito por Elizabeth Lorenzotti (2014), a trajetória da Mídia Ninja teve início quando dois amigos, Bruno Torturra e Cláudio Prado, decidiram fazer uma cobertura sobre a Marcha da Liberdade em 21 de maio de 2013. A criação da Mídia Ninja ainda não era cogitada, mas foi neste momento que sua projeção começou. De acordo com a autora, Cláudio e Bruno saíram para cobrir o evento apenas com uma mochila tecnológica emprestada e a produção da cobertura da Marcha da Liberdade teve cerca de 90 visualizações na internet (site e redes sociais digitais dos jornalistas e POSTV).

Como me contou, “na Marcha da Maconha houve muita repressão policial, gás lacrimogêneo, pessoas espancadas. Eu estava como ativista porque sou antiproibicionista. E escrevi uma matéria de capa da *Trip* sobre maconha”. Bruno conta que não era muito dado às redes [sociais digitais] “mas naquele dia, comecei a cobrir pelo Twitter, a mandar informações, e vi que eu fazia a única narrativa independente em tempo real da Marcha. A imprensa dava gabinete, helicóptero e fazia aquela narrativa clássica que a polícia liberou o trânsito na Paulista. Bruno levou muito gás lacrimogêneo, chegou em casa revoltado, postou um texto grande e, no dia seguinte, ao acordar, constatou que havia sido lido por 45 mil pessoas. No Twitter, tinha 5 mil seguidores. “Repercutiu mais do que qualquer coisa que eu tinha escrito na vida”. (LORENZOTTI, 2014, n.p).

Bruno, 35 anos na época, não era jornalista por formação, mas já tinha 11 anos de experiência no ramo jornalístico na revista *Trip*, sendo seu último cargo no veículo diretor de redação.

Cláudio, 70 anos na ocasião, tinha uma longa jornada na área da comunicação e cultura. Ex-coordenador de Cultura Digital da Secretaria de Programas e Projetos do Ministério de Cultura durante a administração de Gilberto Gil, também atuou em vanguardas desde a década de 70 e criou o Festival *Glastonbury* quando estava exilado em Londres, Reino Unido.

¹⁶ Tradução livre do trecho: “One group, called N.I.N.J.A., a Portuguese acronym for Independent Journalism and Action Narratives, has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in a supermarket cart – a makeshift, roving production studio” (The New York Times, 20/6/2013). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&r=0>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

O site da Mídia Ninja¹⁷ reforça que sua história teve início em maio de 2013 e ainda afirma que o grupo ganhou uma expressiva notoriedade no mesmo ano ao cobrir as manifestações de junho, que tiveram início com o Movimento Passe Livre¹⁸, quando brasileiros foram às ruas para protestar contra o aumento da tarifa do transporte público.

Atualmente, a Mídia Ninja conta com mais de 2 milhões de apoiadores e 500 participantes envolvidos no suporte de causas coletivas no Brasil¹⁹. O veículo se posiciona como uma rede que é alimentada por trabalho colaborativo e por doações financeiras. O trabalho está separado em diferentes áreas, como colaboração de tempo, trabalho (jornalísticos ou na própria “casa”) e empréstimo de equipamentos.

O nome da Mídia Ninja nasceu depois de determinado momento em que a dupla estava trabalhando junta. A escolha se deu a partir da crença de Bruno e Cláudio de que o jornalismo alternativo poderia ser diferente e benéfico para a sociedade:

Entendemos que devíamos dar um passo além, não só um canal para debates, mas uma rede de jornalismo independente, que desse conta do *streaming*, de texto, foto, com financiamento específico para jornalismo, e criando uma relação mais aberta e mais clara do ativismo com jornalismo. E qual seria o nome: Não seria POSTV. Uma amiga de Bruno teve a ideia do ninja, “algo que os gringos também entenderiam”. Então fizeram a sigla: “núcleo independente, jornalismo e...?” Até que chegaram a Narrativas Independentes e Ação: “isso definia o que a gente fazia”, diz Bruno. (LORENZOTTI, 2014, n.p).

Segundo matéria divulgada no Observatório da Imprensa, o POSTV²⁰ funcionava com conteúdo publicado no site www.postv.org (que não está em funcionamento atualmente), e o material se estendia para as redes sociais digitais como Facebook e Twitter. Até o projeto se transformar de vez em Mídia Ninja, os jornalistas tiveram um período para se aprofundar no jornalismo alternativo e decidir

¹⁷ Conteúdo disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

¹⁸ O Movimento Passe Livre (MPL) se autodenomina como um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. Teve início com a população de São Paulo que protestou contra o aumento da tarifa do transporte público em 2013, quando houve o aumento de R\$ 0,20 (de R\$ 3,00 passou para R\$ 3,20). Conteúdo disponível em: <<https://www.mpl.org.br/>> e <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

¹⁹ Conteúdo disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

²⁰ Conteúdo disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/postv-de-pos-jornalistas-para-pos-telespectadores/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

que a nova mídia iria fazer parte desse estilo. Após dois anos do início do projeto POSTV, nasce oficialmente a Mídia Ninja como conhecemos hoje:

N.I.N.J.A., sigla em português para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação é o grupo responsável pela POSTV, sua mídia digital independente. E não nasceu agora, mas há um ano e meio, e está ancorada no movimento nacional Circuito Fora do Eixo. Nas manifestações que tomaram as ruas de várias capitais, ganhou maior visibilidade e chegou a picos de audiência de 120 mil espectadores. O que significa uma marca de 1,2 dos ibopes oficiais – e não é pouco, pois muitos programas da TV aberta não o atingem. Nesses tempos fora do eixo e de paradigmas, talvez seja este o embrião da nova mídia do futuro que já é hoje – uma POSTV feita por pós-jornalistas, para pós-telespectadores. Com seus smartphones e câmeras, eles protagonizam uma grande novidade na cobertura dessas manifestações e na alternativa à mídia tradicional. Segundo um dos ninjas, Bruno Torturra, trata-se de outra concepção de mídia. E sua diferença com a tradicional começa pela “honestidade, a ética, o posicionamento integrado dentro dos protestos e não lançando mão de analistas; sem drones, sem helicópteros, mas testemunhando. E a credibilidade pela não edição, a não mediação de interesses comerciais. A grande mídia teve e tem grande papel no tamanho da alienação política do país”. (LORENZOTTI, 2013, online).

Seguindo o conteúdo disponibilizado pelo Observatório da Imprensa, o desenvolvimento do POSTV auxiliou no contato dos idealizadores com um jeito novo de fazer jornalismo e com a tecnologia como parte deste processo.

O nascimento da Mídia Ninja foi um processo de desenvolvimento e testes que acompanhou a jornada de Claudio e Bruno, como está presente no livro “Jornalismo século XXI: O modelo #MídiaNINJA”:

“Eu, como jornalista, sempre me coloquei muito claramente. Sempre entendi subjetividade como forma de ser e sempre entendi que o jornalismo é uma ferramenta política sim, é um ativismo em si”, argumenta. “Pensamos em ação, porque a gente não apenas cobre, mas também promove, ocupa rua, faz aula pública, propõe pautas, a gente não se acanha se precisar ser o protagonista da coisa. Ação nesse sentido” O nome ninja aparece e começa a ser conspirado dentro de um grupo, não vem logo a público, conta Bruno. (LORENZOTTI, 2014, n.p).

2.2.1.1 Modo de trabalho na redação da Mídia Ninja

Para averiguar como funciona uma redação de mídias alternativas²¹, o artigo de Marques, Kinoshita e Moliani intitulado “Os arranjos de mídia alternativos e suas redações virtuais”, de 2018, busca compreender como operam as redações de mídias alternativas aliadas com as tecnologias da informação.

No estudo, os autores apresentam a Mídia Ninja como um movimento social, em uma espécie de extensão de coletivos de notícias:

A Mídia Ninja é um movimento social que surge como uma extensão de um coletivo chamado Fora do Eixo. A partir de uma experiência em São Paulo em 2011, eles se aproximam dos movimentos sociais levando esse *kown how*. Segundo a entrevistada, “(...) foi meio que uma migração do circuito cultural para o movimento social”. A partir da crise das relações jornalísticas eles criam a Mídia Ninja, que é um vínculo para publicar conteúdos de interesse social (MARQUES; KINOSHITA; MOLIANI; 2018, p. 02).

Os autores puderam acompanhar os respectivos jornalistas trabalhando em ambos os arranjos de mídias alternativas, e notaram duas expressões interessantes utilizadas nas TICs: “fazer base”, que se refere a atividade de ficar em um local pronto para oferecer suporte e revisar o material antes da publicação nos canais de comunicação; e “no ar”, para notificar que a matéria já foi publicada. O foco do trabalho dos autores Marques, Kinoshita e Moliani (2018) é compreender como era realizado o trabalho a partir do binômio comunicação e trabalho e como as tecnologias da informação agem neste contexto.

Na Mídia Ninja a organização do trabalho é toda em ambiente virtual. Ela tem um núcleo operativo formado por 30 pessoas, um conselho editorial com 60, além de 200 colaboradores próximos e mais de dois mil ocasionais que estão espalhados por todos os estados brasileiros. Eles usam a rede (via WhatsApp, Telegram, e-mail e inbox) para manter contatos entre si e fazer reuniões com diferentes abrangências, formatos e objetivos (regionais,

²¹ É importante informar que colaboradores da Mídia Ninja foram procurados em diferentes ocasiões para participar de uma entrevista para esta dissertação, com o intuito de conhecermos o funcionamento do dia a dia na mídia, porém recusaram a todos os convites.

equipes, radar, entre outros), além de utilizar a internet como plataforma de produção e distribuição de conteúdo (site, Facebook, Instagram, Twitter, coberturas ao vivo e transmissões de conteúdo). (MARQUES; KINOSHITA; MOLIANI; 2018, p. 09).

As tecnologias da informação podem desempenhar um papel benéfico, visto que há colaboradores espalhados no território brasileiro. Na cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017, por exemplo, há registro de fotografias de diferentes lugares do Brasil como: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Niterói (RJ), ABC Paulista (SP), Natal (RN), Belém (PA), Recife (PE), São Borja (RS), Guarulhos (SP), Duque de Caxias (RJ), Bocaiuva (MG), Divinópolis (MG), São João Del Rei (MG), Salvador (BH), Distrito Federal (DF), Cubatão (SP), Maceió (AL), Formosa (GO), Paulo Afonso (BH), Picos (PI), Ouricuri (PI), Araucária (PR), Navegantes (SC), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Santa Margarida (RS), Juazeiro (BH), Aracajú (SE), Fortaleza (CE), Teresina (PI), Jequié (BH), Mariana (MG), Uberaba (MG), Macapá (AP), Campo Maior (PI), Altamira (PA), Boa Vista (RR), Porto Velho (RO), Juiz de Fora (MG), Ipatinga (MG), Ijuí (RS), Uberlândia (MG).

Vale ressaltar que no dia anterior à greve, a Mídia Ninja fez uma publicação em seu próprio perfil no Instagram convidando seus leitores a enviar conteúdo sobre o movimento social. A mídia não especificou quais foram as imagens que foram produzidas por seus colaboradores e quais foram enviadas pelos seguidores, sendo que algumas imagens têm créditos e outras são creditadas como: “Imagem: Mídia Ninja”.

É importante informar que colaboradores da Mídia Ninja foram procurados em diferentes ocasiões para participar de uma entrevista para esta dissertação, com o intuito de conhecermos o funcionamento o dia a dia na mídia, porém recusaram a todos os convites.

2.2.2 História dos Jornalistas Livres

Com o objetivo de se opor à mídia tradicional, os Jornalistas Livres²² se colocam como uma rede de coletivos originada na diversidade com o propósito de realizar um trabalho jornalístico mais próximo do “humanizador”.

Por isso, a rede surgiu em 12 de março de 2015 para produzir conteúdo defendendo os direitos humanos e sociais, trazendo em suas produções as temáticas que não são abordadas pela mídia tradicional.

De acordo com a jornalista Carolina Trevisan no vídeo institucional dos Jornalistas Livres, a rede surgiu com o propósito de fazer a cobertura das manifestações de março de 2015 de um modo diferenciado, com viés contrário da mídia tradicional.²³

No próprio site dos Jornalistas Livres há um espaço²⁴ destinado aos depoimentos dos colaboradores sobre a motivação que cada um tem em participar desta mídia. No total são 25 depoimentos com o cunho pessoal de jornalistas que acreditam no movimento do jornalismo democrático e livre (como é mencionado na própria página online).

[...] contraponto à grande mídia enquanto uma estrutura, o que é revelado mais propriamente pelo texto dos Jornalistas Livres, cujo enunciado relaciona, em um plano macro, tanto a questão editorial/ ideológica quanto econômica. “Estratagemas da tradicional indústria jornalística”, “interesses empresariais e ideológicos, comerciais e privados, corporativos e corporativistas”, “mídia centralizada e centralizadora” são algumas expressões em tela. O lugar de enunciação do coletivo é marcado a partir de uma oposição entre a grande mídia e o trabalho desenvolvido pelos Jornalistas Livres, que expressa “amor apaixonado pela democracia e a defesa radical dos direitos humanos” (ROXO; GROHMANN; MARQUES, 2019, p. 8).

A jornalista Laura Capriglione (2019), que faz parte dos Jornalistas Livres, disse que o grande objetivo “é fazer um jornalismo que reflita o ser humano na sua

²² Conteúdo disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

²³ Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/como-surgiu/>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

²⁴ Disponível em: <<https://medium.com/jornalistas-livres/a-alegria-de-contar-a-história-juntos-e739f8a38ddc>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

complexidade total”. Além da qualidade da produção técnica, dar atenção aos assuntos que não são mostrados (ou não são apresentados com a ênfase necessária) na grande mídia.

Queremos ser uma página respeitada por padrões éticos e sérios e por credibilidade, então muitas vezes as pessoas mandam fotos para a gente e são fotos de passeatas que aconteceram há dois meses como se fosse de agora. A gente checa tudo. (CAPRIGLIONE, 2019).

Segundo a jornalista, é importante para os Jornalistas Livres mostrar como é a vida das pessoas sem a preocupação do viés comercial na produção do conteúdo jornalístico, pois cada ser humano tem muitas dimensões. Para eles, é interessante mostrar o maior número de ângulos possíveis em cada situação, e não enquadrar as pessoas ou as vivências no estereótipo que já existe. O ideal é mostrar a realidade de forma mais abrangente, o que não é usual na grande mídia:

Se o cara é produtor de cultura eu não vou tentar enquadrar ele no interesse da indústria de discos, eu vou falar da cultura dele, mesmo que não tenha interesse comercial nenhum. Se é um cara que está em uma luta de moradia, eu vou pegar e falar como se comporta na luta, na liderança, então vou tentar abordar esse cara em várias dimensões, em todas, em muitas dimensões, na dimensão que ele queira aparecer. (CAPRIGLIONE, 2019).

Assim como dar abertura aos personagens das reportagens, é importante dar visibilidade ao conteúdo que é enviado por leitores. Porém, de acordo com a jornalista, não é todo conteúdo recebido que é publicado. Toda informação que chega é apurada, com intenção de checar se é verdadeira e se atinge os critérios éticos da mídia alternativa: “muita das vezes a gente recebe fotos que expõe de maneira abusiva uma pessoa que está em uma situação de vulnerabilidade, aí não publicamos” (CAPRIGLIONE, 2019).

2.2.2.1 Modo de trabalho na redação dos Jornalistas Livres

Segundo os autores Marques, Kinoshita e Moliani (2018), Jornalistas Livres se enquadra como jornalismo democrático, que surge para agir em prol da diversidade.

O Jornalistas Livres “se apresenta como jornalismo democrático, plural, em rede, pela diversidade e defesa implacável dos direitos humanos”. Foi criado em 12 de março de 2015 em meio às manifestações pelo impeachment devido à “necessidade urgente de enfrentar a escalada da narrativa de ódio, antidemocracia e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais”, apoiada pela mídia tradicional (MARQUES; KINOSHITA; MOLIANI; 2018, p. 02).

Para esta pesquisa, é importante acompanhar como ocorre o desenvolvimento de produção na rotina das mídias e como esse processo impacta no produto final.

Para a entrevistada do coletivo [Jornalistas Livres], o aparelho celular é sinônimo de demanda de trabalho. De acordo com a entrevistada, se ela não desligar o celular, não para de trabalhar. Tal situação acontece porque o celular é um dispositivo que permite o acesso aos grupos, mas também é através dele que a produção é realizada. [...] O celular, enquanto meio de trabalho mais utilizado no coletivo, é suporte fundamental do mundo produtivo e também instrumento de controle e supervisão que possibilita ao profissional desenvolver toda a polivalência exigida dos jornalistas (MARQUES; KINOSHITA; MOLIANI; 2018, p. 08-09).

Podemos acompanhar, seguindo a linha de pesquisa dos autores acima, o quanto o uso do celular está presente no dia a dia de ambas as mídias alternativas. O uso do dispositivo ocorre em função da praticidade e pelo fato de minimizar os custos em comparação a uma redação física (e até tornando sua funcionalidade obsoleta, visto que os colaboradores usam seus próprios equipamentos para produzir e se comunicam via redes sociais digitais). Porém, os autores chegam à conclusão que o uso frequente e desenfreado do dispositivo leva os colaboradores a trabalhar em um ritmo maior. Ou seja, Marques, Kinoshita e Moliani (2018) percebem que o relacionamento com as Tecnologias da Informação está tão presente na vida dos colaboradores que, muitas vezes, torna difícil separar o momento de trabalho do pessoal, a não ser que desliguem o *smartphone*, ou tenham um dispositivo pessoal e outro para trabalho, e organizem o tempo para produção e lazer.

Em entrevista exclusiva para esta dissertação, Laura Capriglione contou que o aplicativo *Telegram*²⁵ auxilia muito na comunicação e no trabalho que é realizado, principalmente na distribuição de tarefas, já que não existe função predestinada e os colaboradores não têm cargo específico. Ela conta que as atividades se dão de acordo com o fluxo de trabalho e as tarefas são divididas. As reuniões de pauta também acontecem pelo aplicativo.

Primeira coisa que a gente faz é ver quem vai para rua e quem fica na base, a base não é uma base, não é uma redação, não é física, eu posso fazer base aqui agora com o meu celular, mas quem é que vai para rua? Para onde você vai? Eu vou para a zona sul, eu vou para São Bernardo, eu vou para o bloqueio lá na Imigrantes? Então a gente divide o território que é para pegar o local mais quente e evitar redundância, né? Quer dizer, evitar muita gente em lugar só. (CAPRIGLIONE, 2019).

A comunicação via aplicativo Telegram é dividida em diversos grupos, como “Os publicadores”, destinado aos jornalistas que irão publicar o conteúdo na web ou redes sociais digitais: “por exemplo, posta aqui ‘no publicadores’, ele posta um texto, e então a gente combina, quem está disponível lê e fala ‘sobe [disponibilização do conteúdo] e publica’, quem pode” (CAPRIGLIONE, 2019).

O Telegram também é utilizado quando os jornalistas vão se organizar para fazer a cobertura de um grande evento como greves ou manifestações. O aplicativo é imprescindível para decidir e organizar quem vai ficar na base, quem vai fazer as imagens, entrevistas no evento, etc.

Então, sempre a gente tenta garantir quando vai ter essas situações de violência, que a gente tenha um plano de dupla, entendeu? Para um segurar a onda, às vezes vem a polícia e quer prender o cara e então alguém filma a cena de prisão e tal, então sempre, essa é uma providência, que a gente usa, a gente divide, quem vai lá, quem fica na base, que horas você fica não base? Por exemplo, greve geral, negócio que dura o dia inteiro. Então quem é que vai entrar de manhã, quem entra à tarde? Quem entra à noite? No mais, às vezes, quem entra de manhã acaba ficando o dia inteiro, entendeu? Porque não consegue largar, mas às vezes o cara “tenho que sair à tarde porque eu vou trabalhar”, mas enfim, a gente faz essa divisão, mas depende muita do interesse do cara, nos Jornalistas Livres não tem essa história de você ser redator, entendeu? Não existe isso, hoje eu faço redação, amanhã eu faço reportagem, no outro dia eu vou fazer um vídeo, no outro eu vou fazer um

²⁵ O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas para dispositivos móveis.

podcast... Quem é que determina? Sou eu. Cada um determina o que quer fazer, e o coletivo o máximo que faz é dizer: “gente, tem muita gente indo para a Zona Sul, gente, tem muita pouca gente na base” Porque a gente precisa publicar em todas as redes sociais, então não é que a gente escreve o texto e faz uma análise e tem que publicar, tem que fazer o texto, tem que editar o vídeo, tem que subir no Youtube, tem que subir no Facebook, tem que subir no Instagram, tem que subir no Twitter. (CAPRIGLIONE, 2019).

Como podemos acompanhar, as redes sociais digitais são muito importantes para a mídia alternativa e as TICs estão presentes em todos os estágios de produção. Por isso, a escolha do Instagram como plataforma a ser utilizada na análise não tem valor somente por seu foco em publicação de imagens, mas também em como as tecnologias da informação fazem parte em peso da mídia alternativa.

2.2.3 Enquanto isso...

Embora não seja a ideia aprofundar-se na mídia tradicional, já que não é foco da pesquisa, vamos retratar de forma sucinta as mídias Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, já que ambas as mídias são utilizadas como meio de comparação neste trabalho. Visto que algo ou alguém é alternativo ou independente em relação a outra coisa ou outro alguém, trazemos a seguir o texto presente na seção “quem somos” dos jornais considerados tradicionais.

Imagem 8: captura de tela da seção “Quem somos” do Grupo Folha

Conheça o Grupo Folha

O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do país. Controla o jornal de maior circulação e influência (**Folha de S. Paulo**), o site noticioso de jornal com mais audiência (www.folha.com.br), o Datafolha, um dos institutos de pesquisa mais respeitados do país, uma agência de notícias (Folhapress), um dos maiores e mais modernos parques gráficos da América Latina (CTG-F), a Transfolha, empresa de logística que também é dedicada à distribuição de produtos do Grupo Folha, uma gráfica dedicada a jornais e folhetos para empresas, editoras e agências de publicidade (FolhaGráfica) e a SPDL, empresa de distribuição e logística estabelecida em associação com o jornal "O Estado de S. Paulo".

Fonte: Site do jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

Imagem 9: captura de tela da seção “Quem somos” do Grupo Estado



EX - LIBRIS

O ESTADO DE S. PAULO

"O Estado de S. Paulo" é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Ao longo do tempo novas empresas e produtos foram criados a partir de O Estado de S. Paulo, célula-mãter do Grupo Estado. Em 1958 começa a diversificação com a inauguração da Rádio Eldorado. Em 1966 é lançado o Jornal da Tarde. A Agência Estado passa a operar em 1970. Em 1984 nasce a Oesp-Mídia e em 1988 a Oesp-Gráfica. Em 1991 a Broadcast é incorporada à Agência Estado. Em março de 2000 foi lançado o portal Estadao.com.br, com informativo em tempo real.

Continua >>

GRUPO ESTADO

- ▶ RESUMO HISTÓRICO
- ▶ CRONOLOGIA HISTÓRICA

Fonte: Site do jornal O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/historico/index.htm>>. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

Como podemos observar em ambas as capturas de tela, as mídias tradicionais são empresas jornalísticas que estão consolidadas não somente em São Paulo, mas também no Brasil. As mídias Folha de São Paulo e Estado de São Paulo também possuem outras ramificações de negócios, como logística, rádio e área de impressão.

CAPÍTULO 3. GREVE DE 30 DE JUNHO DE 2017

Em 2017, o presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vagner Freitas, convocou os trabalhadores do país para a greve geral, após o governo do presidente Michel Temer (PMDB) propor a reforma trabalhista (PLC 38/2017). Freitas também incentivou a participação dos sindicatos no movimento. A greve foi mais uma tentativa das forças sindicais para barrar as mudanças com a capacidade de afetar a vida dos brasileiros. Antes da Greve Geral, a CUT convocou os trabalhadores para protestar sobre o mesmo tema em 28 de abril de 2017. A Greve Geral também teve outro motivo secundário: a Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado rejeitou o relatório para a reforma trabalhista proposto pelo governo vigente, com dez votos contra nove.

Diante do revés sofrido pelo governo Temer (PMDB) no trâmite da reforma trabalhista (PLC 38/2017), Vagner Freitas voltou a reforçar a convocação a todos os trabalhadores do país para a greve geral: "Com a greve do dia 30 poderemos enterrar de vez as reformas", disse em entrevista ao site da CUT. "Tem de ser mais forte do que foi a do dia 28 de abril", acrescentou²⁶.

A Greve Geral de 30 de junho de 2017 ocorreu com o fim de protestar contra a reforma trabalhista e da previdência propostas durante o Governo Michel Temer (PMDB). A manifestação foi encabeçada pelos sindicatos, que temiam pelas mudanças na vida de cada trabalhador. Não há dado oficial sobre o número de manifestantes, mas de acordo com a revista Exame²⁷ estima-se que 40 mil pessoas foram às ruas na cidade de São Paulo. O jornal Estado de São Paulo²⁸ divulgou o número de 30 mil pessoas na cidade de Salvador (BA); a Folha de São Paulo²⁹ informou que houve 300 manifestantes na Avenida Paulista, em São Paulo, mas não houve uma estimativa única e concisa sobre o número de manifestantes.

²⁶ Conteúdo disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/apos-derrota-do-governo-no-senado-cut-convoca-greve-para-enterrar-reformas-a0a7>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

²⁷ Conteúdo disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/ao-vivo-as-greves-e-protestos-desta-sexta-30-de-junho/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

²⁸ Conteúdo disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,dia-de-protestos-contra-reformas-tem-baixa-adesao,70001872787>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

²⁹ Conteúdo disponível no acervo Folha de São Paulo: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=47886&pd=1a866ee50b9af8161f28e69fdf43cac>>. Edição impressa veiculada no dia 01/07/2017. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

3.1 Cobertura pelas mídias alternativas

No dia 30 de junho de 2017 a concentração de grevistas em São Paulo teve início no Vão Livre do Masp, na Avenida Paulista, como divulgou a CUT. A greve ocorreu durante todo o dia e sua cobertura foi realizada em peso pela imprensa.

A Mídia Ninja e Jornalistas Livres fizeram muitas postagens no Instagram em tempo real sobre o ocorrido. No total, Mídia Ninja postou 119 fotografias e Jornalistas Livres postaram 57 imagens sobre a greve. Para esta análise, não consideramos vídeos ou outras publicações que fugiam do foco da cobertura do evento. A delimitação para a escolha das imagens para análise são fotografias feitas na cidade de São Paulo: Mídia Ninja postou 19 fotos e Jornalistas Livres, 24.

Na cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017 os Jornalistas Livres publicaram imagens de: São Paulo (SP), São José dos Campos (SP), Recife (PE), Campinas (SP), Guarulhos (SP), São Bernardo (SP), Natal (RN), Niterói (RJ), Campo de Goytacazes (RJ), Tailândia (PA), Taubaté (SP), Fortaleza (CE), Goiânia (GO), Ouricuri (PE), Araucária (PR), Santa Maria (RS), Paulo Afonso (RS), Crato (CE), Navegantes (SC), Florianópolis (SC), Praça da Estação (BH), Aracajú (SE), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e Macapá (AP).

Assim como Mídia Ninja, os Jornalistas Livres também fizeram o convite aos seus seguidores para participar da cobertura da Greve Geral, enviando fotos, textos e vídeos. Como dito anteriormente, para fazer um contraponto à mídia alternativa, foram pesquisadas as imagens que o Estado de São Paulo e Folha de São Paulo publicaram no Instagram sobre a greve, para trabalhar como parâmetro de comparação. O Estadão publicou uma imagem, enquanto a Folha não realizou nenhuma publicação sobre a greve.

3.2 Greve e a breve relação do movimento social no Brasil

A origem etimológica da palavra greve vem do francês “grève”. Assim como a origem da terminologia, a primeira greve também ocorreu na França no final do século XVIII. No Brasil, a primeira greve geral só ocorre no século XX, em junho de 1917,

quando manifestantes lutaram em prol de melhores condições de trabalho. De acordo com a BBC³⁰, cerca de 400 manifestantes participaram, sendo em sua maioria mulheres trabalhadoras da indústria têxtil, que paralisaram durante 30 dias. Outro movimento social relevante foi o Movimento Operário do ABC, na década de 1980. A segunda Greve Geral no Brasil ocorreu em 30 de junho de 2017³¹.

Além da greve existir como espaço para deliberação, o movimento também é um direito estabelecido pela Lei Nº 7.783 da Constituição da República Federativa do Brasil desde 28 de junho de 1989³². A greve oferece um espaço para exercer a democracia e garantir reflexão perante temas propostos que necessitam ser repensados para o bem coletivo. É importante ponderar que a greve é um direito do cidadão dentro de um regime democrático, e o Brasil ainda tem uma democracia muito jovem do ponto de vista histórico. De acordo com reportagem veiculada no site da Câmara dos Deputados³³, a primeira eleição direta no país ocorreu em 1989, após a Ditadura Militar. Sendo assim, podemos observar que os movimentos sociais tiveram uma trajetória árdua, pois além da Ditadura Militar também houve a ditadura de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1946). Greves e outros tipos de movimentos sociais eram tratados com violência por parte das instituições do Governo Vargas e da Ditadura Militar, além de serem vistas como crime.

Desse modo, diriam: movimentos sociais são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e que se organizam para reivindicá-los. No entanto, a pergunta pode levar a outras respostas quando se quer conhecer mais a fundo o fenômeno – dos movimentos sociais – que pode assumir diversas configurações dependendo de suas motivações, do lugar, do tempo histórico e da conjuntura em que se movem. (PERUZZO, 2013, p.75).

³⁰ Conteúdo disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39740614>>. Acesso em: 17 de jun. de 2019.

³¹ Conteúdo disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/greve-os-movimentos-sindicais.htm>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

³² Conteúdo disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7783.HTM>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

³³ Conteúdo disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/466311-PRIMEIRA-ELEICAO-DIRETA-CONTOU-COM-22-CANDIDATOS-A-PRESIDENCIA-DA-REPUBLICA-BLOCO-4.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

Os movimentos sociais também refletem a situação que o país se encontra. A Greve Geral de 2017 ocorreu pois havia uma quantidade significativa de pessoas descontentes com o governo de Michel Temer e com a proposta da Reforma Trabalhista e da Previdência. Mas não podemos categorizar este movimento como uma ação isolada, pois de acordo com Cicilia M. Krohling Peruzzo (2013), o Brasil é marcado pela existência de diferentes movimentos sociais ao longo de sua existência:

No Brasil sempre existiram movimentos sociais de diferentes matizes. Nas últimas décadas, desde a era pós-ditadura – fim dos anos 1970 e subsequentes – esses podem ser agrupados em categorias a partir de fatores que os motivam ou orientam sua razão de ser, a saber:

- a) Movimentos vinculados a melhorias das condições de trabalho e de remuneração (movimento de professores e de outras categorias profissionais);
- b) Os que defendem os direitos humanos relativos a segmentos sociais a partir de determinadas características de natureza humana (gênero, idade, raça e cor – como, por exemplo, o movimento de mulheres, dos índios, dos negros, dos homossexuais, das crianças, etc – Exemplos: Movimento de Mulheres, Meninos e Meninas de Rua etc.);
- c) Aqueles voltados a resolver problemas decorrentes das desigualdades que afetam grandes contingentes populacionais (movimentos de transporte, moradia, terra, saúde, lazer, meio ambiente, paz, contra violência, defesa dos animais etc. – Exemplos: Movimento Nacional pela Moradia, Movimento Passe Livre e Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra). Alguns são apoiados por instituições que os incentivam ou os abrigam, tais como igreja, partido político, escola e universidades, a exemplo da Pastoral da Terra e do Movimento Fé e Política;
- d) Movimentos político-ideológicos (lutas por participação política, protestos por antagonismos políticos, reivindicações por democracia, mudança de regime etc.). (PERUZZO, 2013, p. 163).

Em um contexto político de instabilidade, os meios de comunicação têm um papel fundamental, especificamente o trabalho de cunho jornalístico. É importante considerar que as coberturas dos recentes eventos políticos têm representatividade para a sociedade e como seu conteúdo pode implicar no processo de conhecimento e reconhecimento do público no espaço em que vive.

Por esta razão, a produção do trabalho jornalístico é de grande relevância para fenômenos que envolvam o interesse público e que geram impacto coletivo e de longo prazo, como a reforma na previdência, por exemplo. Assim, analisar o conteúdo jornalístico, principalmente quando envolve mudanças e descontentamento na estrutura social, é muito importante para verificar não somente a visão da imprensa, mas também observar as informações que estão sendo apresentadas no presente e

que serão transmitidas para posterioridade - ainda que sejam apenas visões dos fatos, e não a realidade em si.

Enfatizando a imagem usada no jornalismo, é possível perceber que sua função é significativa dentro do discurso utilizado nos meios de comunicação. Por isso, a imagem não pode ser vista apenas como um complemento do texto, pois ela é capaz até de mudar o sentido do próprio conteúdo textual. Nesta linha de raciocínio, focando no objeto de pesquisa, as imagens podem revelar uma série de contextos inseridos no ambiente de greve, principalmente as imagens jornalísticas, cujo foco é a objetividade. Os meios de comunicação brasileiros, principalmente a mídia tradicional, zela e se preocupa em dizer que o conteúdo produzido é constantemente apurado:

Os meios de comunicação privados, mesmo que isso soe paradoxal, podem ser mais servis ao poder político do que os públicos. Não nos esqueçamos de que grande parte de sua receita provém de medidas governamentais: publicidade institucional, incentivos fiscais benéficos, subsídios, programas de ajuda, entre outros. Não obstante, eles não possuem sistemas de controle públicos, como os conselhos editoriais, os representantes da oposição ou de comissões parlamentares, os conselhos de cidadãos etc. (SERRANO, 2013, p. 81).

Como é possível observar na fala de Serrano (2013), os meios jornalísticos têm um papel muito importante no regime democrático. Tal como os movimentos sociais, a imprensa oferece sua versão dos fatos junto com o trabalho de apuração, enquanto a mídia pública oferece conteúdo na perspectiva do governo vigente.

Posto isso, enfatizamos que o papel desempenhado por Mídia Ninja e Jornalistas Livres na cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017 é fundamental para o regime democrático. Em teoria, as mídias alternativas produzem um conteúdo com outras vertentes quando comparadas aos grandes conglomerados de comunicação. Seu objetivo é oferecer uma abordagem diferenciada da mídia tradicional, principalmente por se tratar de uma pauta de interesse coletivo.

CAPÍTULO 4. O QUE DIZEM AS IMAGENS?

Muito se fala sobre as imagens e como elas nos influenciam, ainda mais na sociedade contemporânea. Nessa direção, Persichetti e Cioccarri questionam até que ponto realmente as entendemos:

Buscamos uma reflexão sobre a verdadeira face da imagem. Todos falamos nela, vivemos por meio dela, mas será que sabemos refletir sobre o que ela quer nos dizer? Vivemos mesmo na sociedade da imagem ou vivemos ainda numa sociedade que não a entende se não tiver o suporte do texto? (PERSICHETTI; CIOCCARI, 2019, p. 09).

Desde sua invenção nas primeiras décadas do século XIX, a fotografia, por uma questão da mentalidade da época, foi vista como cópia do real, uma produção que não necessitava da “mão” do ser humano. Havia a crença de que independe da imaginação ou criatividade, visto que é resultado de um processo mecânico e de um aparelho, sendo resultado da indústria. Ainda hoje, por mais que tenhamos já superado este estágio em relação à imagem fotográfica, acredita-se muito na fotografia jornalística como prova irrefutável.

Já na pintura, desenho ou caricatura fica perceptível que a obra não é claramente cópia do real, pois foi fruto do trabalho das mãos e mente do artista que operaram juntamente com um instrumento, que pode ser uma caneta, lápis ou pincel. Neste caso, fica evidente que o conteúdo produzido não é a realidade, mas sim uma criação. Já na fotografia, não fica claro no primeiro momento que o conteúdo também pode ser construído. Para o senso comum, a câmera fotográfica é capaz de reproduzir o real, como elucida Vilém Flusser: “O caráter aparentemente não simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens (FLUSSER, 2011, p.24).” O autor prossegue seu ensaio esclarecendo que o observador pode depositar a mesma credibilidade que tem em seus próprios olhos nas imagens técnicas:

O fotógrafo produz símbolos, manipula-os e os armazena. Escritores, pintores, contadores, administradores sempre fizeram o mesmo. O resultado deste tipo de atividade são mensagens: livros, quadros, contas, projetos. Não servem para serem consumidos, mas para informarem [...] (FLUSSER, 2011, p. 35).

Seguindo a reflexão de Flusser (2011), podemos apontar que vivemos em uma sociedade pós-histórica, coberta por imagens técnicas, onde existem imagens em todo entorno, como filmes e imagens de TV: “As imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas em pontos” (FLUSSER, 2008, p.12). Nesta percepção, é possível refletir sobre como as imagens são produzidas pelo ser humano através do instrumento, e como as imagens técnicas são produzidas através do controle do aparelho. “O aparelho funciona, efetiva e curiosamente em função da intenção do fotógrafo. Isto porque o fotógrafo domina o input e output da caixa: sabe com que alimentá-la e como fazer para que ela cuspa fotografias (FLUSSER, 2011, p. 38)”.

Podemos fazer um paralelo entre o pensamento de Flusser sobre as “imagens técnicas” e o conceito de “automatização da imagem” de Edmond Isso ocorre porque o dispositivo móvel é programado (2011), presente no capítulo “Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração” do livro “Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual”. Segundo o autor, o processo de automatização numérica da imagem ocorre quando a imagem passa a ser “reduzida a um mosaico de pontos perfeitamente ordenado”. Ou seja, Couchot categoriza essas imagens como pertencentes ao universo matemático, da linguagem numérica. O processo de automatização torna híbrido o pensamento tecno-científico com o pensamento figurativo criador.

Mesmo as imagens técnicas produzidas por aparelhos, ou os mosaicos de pontos ordenados, como afirma Couchot, não podem ser consideradas como realidade. Há uma série de apontamentos que as impedem de ser janelas do real: mesmo sendo usado um aparelho para sua produção, é importante ressaltar que esse aparelho foi construído e programado por seres humanos; assim, as imagens produzidas por ele não são capazes de captar e mostrar a realidade. A decisão do fotógrafo do que captar pode durar milésimos de segundos, mas ainda assim é uma escolha, apenas uma das versões possíveis.

Direcionando a questão para: até que ponto a fotografia consegue “captar” a realidade? Vamos pensar em como a fotografia tem um papel crucial no jornalismo. Como para o senso comum a fotografia é considerada prova do real, a imagem não sofre muitos questionamentos por parte de seus receptores quando está atrelada ao jornalismo. Por isso, a imagem pode ser utilizada no jornalismo como prova de determinado discurso, como sublinha Persichetti:

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação de ideais e a consequente formação e manipulação da opinião pública, particularmente a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva das imagens nos meios de informação e divulgação. [...] A fotografia é um traço visível de um universo preexistente, mas adquire significado num jogo dialético entre um produtor e um espectador (PERSICHETTI, 2018 p. 33).

Da perspectiva histórica, quando os primórdios da fotografia começaram a dar início a sua jornada junto à imprensa, durante o século XIX, seu casamento com o jornalismo foi muito bem quisto, já que há um interesse em ter um “comprovador” do discurso da veracidade e credibilidade: “De fato, a fotografia vem, na metade do século XIX, responder à grave crise de confiança que aflige o valor documental das imagens manuais” (ROUILLÉ, 2009, p. 52). Seguindo a linha de pensamento do autor, podemos frisar a crença do senso comum que persiste até hoje sobre o fato da fotografia ser uma prova da realidade.

A ficção do verdadeiro fotográfico começa a formar-se na intersecção do registro com o rastro, indo além da analogia. A noção de rastro postula que coisa e imagem estejam, ao mesmo tempo, ligadas pela força de um contato físico separadas por uma incisão franca e brutal, sem mediação, que os linguistas qualificarão de “corte semiótico”. Quanto ao registro, o aspecto químico da fotografia reforça a representação em seu funcionamento ao mesmo tempo bipolar (de um lado a coisa, do outro a imagem) e em *sentido único*: da coisa à imagem, do exterior (o mundo) para o interior (a câmera escura). O registro e o rastro consagram evidentemente o caráter mecânico da imagem, a nova mescla dos corpos no âmago de seu processo de produção, visto que a fotografia põe a relação coisa-imagem no lugar da relação pintor-quadro. São muitos os elementos que alimentam uma grande quantidade de enunciados sobre o verdadeiro fotográfico (ROUILLÉ, 2009, p. 76).

Como é possível observar com a citação do autor André Rouillé, a relação da imagem com o jornalismo ocorre desde o início com a pretensão de serem juntas um conteúdo de credibilidade, veracidade e informação. Ainda hoje, Martine Joly (2012) afirma que as fotografias usadas no jornalismo em determinados momentos oferecem elementos emotivos e com pouca capacidade informacional. Para a autora, conforme seu propósito, elas deveriam conter a maior quantidade possível de informações, se afastando ao máximo da emoção e apelação. Só assim cumpririam o seu principal objetivo, que seria informar e não emocionar: “Fotografias de imprensa: supostamente, deveriam ter uma função referencial, cognitiva, mas, na realidade, situam-se entre a função referencial e a função expressiva ou emotiva.” (JOLY, 2012, p. 58).

Dando continuidade a esta reflexão, demarcamos que Roland Barthes e François Soulages têm opiniões distintas sobre a fotografia. Neste trabalho, trazemos os dois autores para mostrar que há divergências no campo da imagem enquanto sua capacidade de comunicar a realidade. Porém, vamos seguir com a linha de pensamento de Soulages, que defende que a imagem é apenas um pequeno olhar do real e não pode ser usada como prova de algo.

Como dito anteriormente, vamos utilizar as publicações jornalísticas produzidas pela “Folha de São Paulo” e “Estado de São Paulo” como referência de comparação. É importante ressaltar que, como recorte de pesquisa, o objetivo é utilizar as imagens fotográficas veiculadas na rede social digital Instagram, porém, o “Estado de São Paulo” publicou apenas uma imagem sobre a Greve Geral de junho de 2017 e a “Folha de São Paulo” não publicou imagens no Instagram sobre esta cobertura. Por isso, vamos inserir o que foi publicado em outras plataformas, com o objetivo de contextualizar a pesquisa.

Os objetivos específicos da pesquisa se dão por meio da apresentação do quesito “noticiabilidade” de Mauro Wolf (2003) e Jorge Pedro Sousa (2004) em relação a ambas as mídias alternativas, através da análise individual de cada fotografia. Nos propomos a identificar quais elementos estão em destaque em cada uma, como o plano, ângulo, uso do contraste, sombra e elementos em primeiro plano de cada imagem. Também vamos verificar qual é a relação de independência da foto com a legenda e até que ponto a imagem por si só é capaz de contextualizar os eventos sem a necessidade de um complemento textual. Por fim, iremos analisar se é possível

desprender as conexões existentes com o momento político que o Brasil se encontrava em 2017 nas imagens escolhidas para análise e verificar se as imagens contêm historicidade necessária para contextualização dos eventos fotografados para identificação futura.

Para a autora Silva (2005), existem três pilares que sustentam a noticiabilidade, sendo: ação pessoal, ação social e ação cultural. Estes elementos são baseados na teoria de Michael Schudson (1988), que serviram para compor seu trabalho em 2005. Ainda de acordo com o autor, é importante ressaltar que há a soma de diversos fatores e elementos, que juntos, constroem o conceito de noticiabilidade. Sendo assim, o processo de seleção de notícias não é composto de apenas um elemento ou fator, pois há uma série de fatores que operam concomitantemente para que as notícias sejam selecionadas e vistas da forma como conhecemos. É relevante ressaltar as condições socioculturais e refletir até que ponto certos temas são elencados e verificar seu grau de relevância.

[...] conjuntos diferenciados de critérios de noticiabilidade: (a) na origem dos fatos (seleção primária dos fatos / valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos de imprensa; (b) no tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia etc., como também fatores extra organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; (c) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores. Esses conjuntos, com certeza, não funcionam de modo isolado. Na prática da produção noticiosa, todos esses critérios variados de noticiabilidade atuam concomitantemente. (SILVA, 2005, p. 96).

Para continuar a reflexão sobre o conceito de noticiabilidade, que tem um papel relevante na composição desta pesquisa, vamos utilizar o que foi apresentado por Wolf (2003). O autor expõe que a noticiabilidade é importante na construção do cenário do que merece ser visto pelo público, afinal, não é possível selecionar todas as informações. Ele ainda afirma que, no primeiro momento, pode parecer uma ação simples evidenciar a notícia que é mais significativa, porém, é um fenômeno inextricavelmente complexo.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público.(...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos.” (GOLDING; ELLIOT apud WOLF, 2003, p.203).

Segundo Wolf, o processo de seleção não engloba apenas a escolha do que merece ser visto, mas também inclui a hierarquização de informações do material selecionado de acordo com o valor-notícia.

4.1 Texto e imagem: aliados ou inimigos?

As legendas têm um papel crucial no processo de decodificação da mensagem contida na imagem. Para elucidar essa linha de raciocínio, recorreremos à visão de Barthes, de que a fotografia não age como uma estrutura isolada, ela acompanha outras estruturas como texto, por exemplo, que atua na totalidade da informação. Para Barthes, estrutura é toda plataforma, como fotografia, texto ou linguagem. Posto isso, podemos concluir que o conteúdo textual é de grande valia para compreender a imagem em sua plenitude.

A pesquisadora Mônica Zarattini (2013) também defende a ideia de que, ao produzir uma fotografia, existem recursos que permitem que o fotógrafo selecione qual vertente vai apresentar. Desde a escolha do enquadramento até a seleção do equipamento, diversos fatores determinam a construção da realidade que vai ser captada pelas lentes, seja de uma câmera ou de um *smartphone*.

Joly (2012) levanta reflexões a respeito da interpretação das imagens. A autora não dá todos os créditos de significação da imagem apenas ao fotógrafo que a produziu, mas também ao receptor que usou de seus próprios artifícios para interpretá-la. Ou seja, o significado da imagem não cabe apenas ao fotógrafo que fez uma série de escolhas ao produzi-la, desde o enquadramento da cena, até a edição

final, mas também cabe ao próprio receptor, que tem um repertório único e pessoal para realizar a sua interpretação.

As capturas de tela realizadas no perfil do Instagram de Mídia Ninja e Jornalistas Livres são referentes as publicações efetuadas na rede social digital no dia 30 de junho de 2017 (**Imagem 5**). Vamos usar a captura de tela do aplicativo para dispositivos móveis na análise dos signos icônicos e dos signos linguísticos.

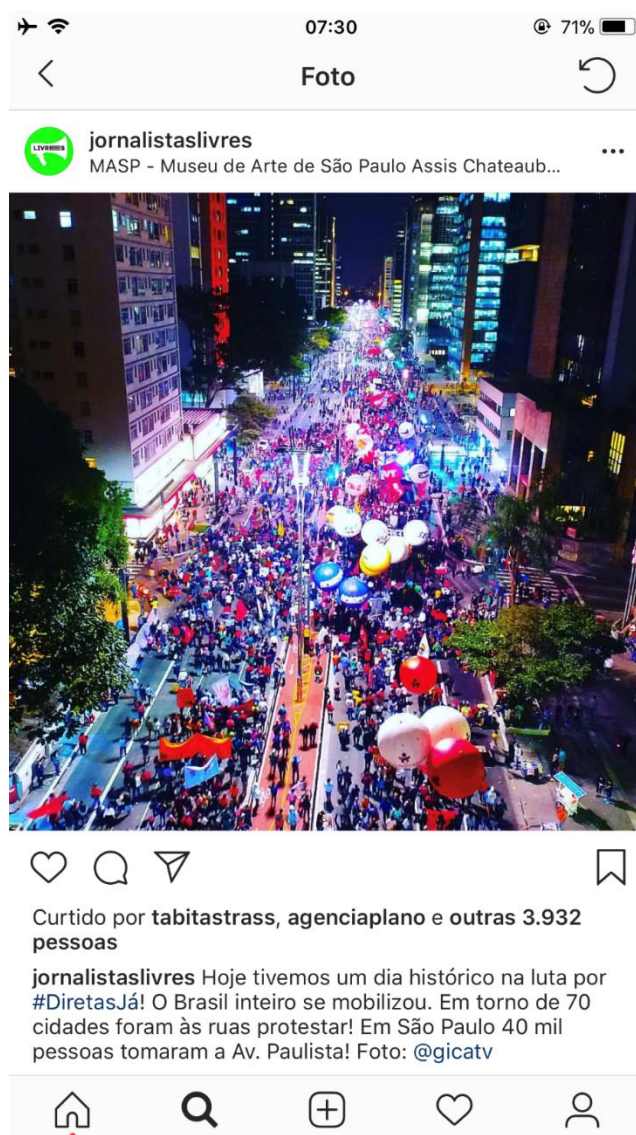
As capturas, que foram apresentadas anteriormente no capítulo 2, item 2.1 Fotografia, jornalismo, estética e Instagram, são os mosaicos de fotografias do Instagram referentes ao dia da cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017 do perfil de Jornalistas Livres e Mídia Ninja (**Imagem 5**) e Folha de São Paulo e Estado de São Paulo (**Imagem 7**).

Dito isso, as capturas de tela das imagens selecionadas vão ser analisadas a partir da utilização da metodologia apresentada pela pesquisadora Martine Joly (2012). A autora propõe o estudo conjunto da mensagem iconográfica e linguística (imagem e texto) do material selecionado, para que assim a relação entre imagem e linguagem textual possa ser contemplada por sua complementariedade.

4.2. Jornalistas Livres

4.2.1. Captura de tela 1

Imagem 10: captura de tela 1 - Jornalistas Livres

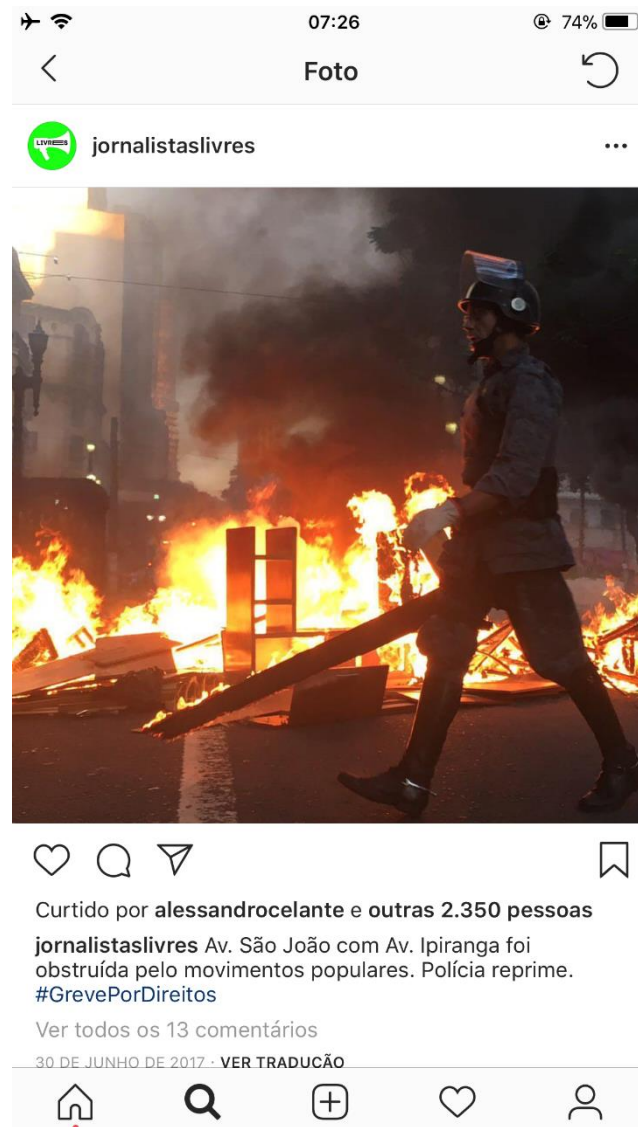


Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Nesta fotografia é possível observar que se trata de uma imagem aérea em plano mais aberto, sendo inclusive possível identificar a Avenida Paulista e boa parte de sua extensão. Pode-se também reconhecer que o ponto central desta imagem são os manifestantes. O ângulo escolhido os favorece, destacando o grande número de pessoas em uma das mais importantes avenidas do estado de São Paulo. Outro ponto interessante é que os manifestantes estão posicionados no centro da imagem, formando uma linha vertical na fotografia, transmitindo a sensação de força e luta. Podemos afirmar que, neste caso, a legenda e a imagem se complementam, pois estão condizentes. Conforme podemos ler na **Imagem 10**: “Hoje tivemos um dia histórico na luta por #Diretasjá! O Brasil inteiro se mobilizou. Em torno de 70 cidades foram às ruas protestar! Em São Paulo, 40 mil pessoas tomaram a Av. Paulista! Foto: @gicatv”.

Nesta publicação, foi usada a ferramenta de localização, informando que estão no Museu de Arte Assis Chateaubriand – Masp, mas é possível ver que não estavam lá. A imagem foi captada no centro da avenida, onde os carros transitam, ou seja, provavelmente foi feita por um drone. A imagem foi creditada à Gica Tv, uma empresa de mídia que oferece serviços de imagens aéreas, mas não especificou o nome do fotógrafo.

4.2.2. Captura de tela 2

Imagem 11: captura de tela 2 - Jornalistas Livres

Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

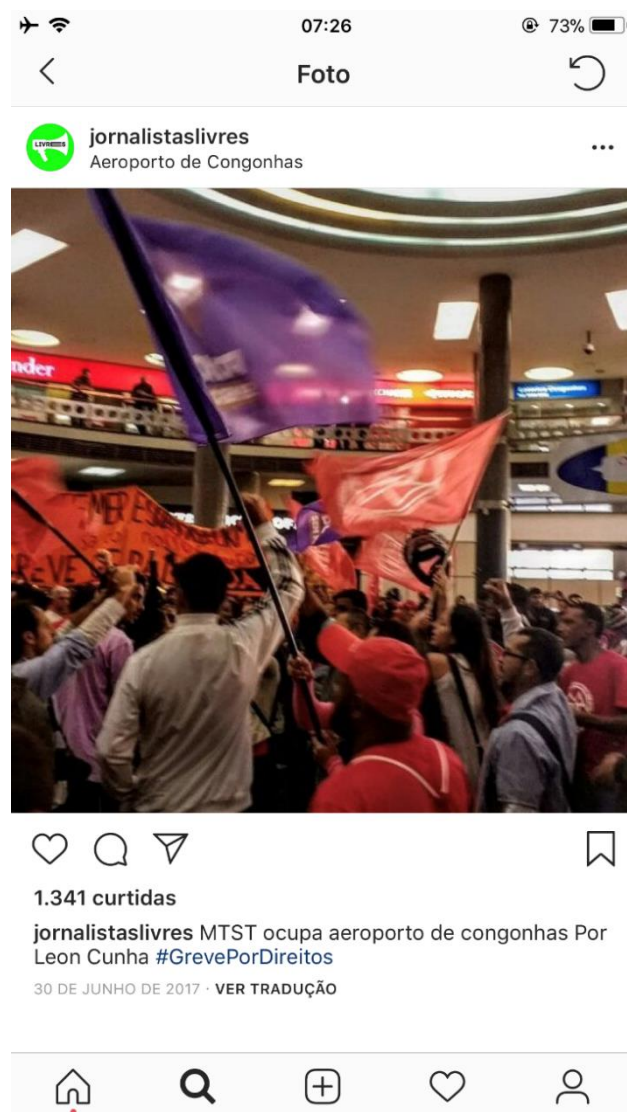
Percebe-se que a **Imagem 11** está no mesmo ângulo de visão do fotógrafo. Por mais que o policial fardado com capacete esteja em primeiro plano, é a barreira de fogo que está em evidência.

A junção do fogo e da fumaça preta, o alto contraste de cores e a presença do policial fardado como se estivesse à espreita de um confronto pode gerar o sentimento de poder e repressão por parte das forças policiais, do Estado.

O uso do alto contraste, que acaba evidenciando o fogo, deixa outros elementos escuros e com poucas chances de identificação. Sendo assim, o elemento de historicidade e localização acaba dependente da legenda, que neste caso tem o papel de conceder as informações que faltam. Como é possível ler na **Imagem 11**: “Av. São João com Av. Ipiranga foi obstruída pelos movimentos populares. Polícia reprime. #GrevePorDireitos”. Além da localização, também é possível notar que há menção sobre represálias policiais na legenda, mas não dá para saber quais tipos de repressões ou até mesmo se houve algum tipo de violência. As duas plataformas, texto e legenda, mesmo juntas, informam parcialmente. A legenda comunica que houve repressão, enquanto na fotografia há elementos que juntos, podem estimular o imaginário através da sensação do medo, não deixando claro o que está havendo de fato. “A fotografia resulta de uma sucessão de fatos fotográficos que têm seu desenrolar no interior daquele contexto. Ela registra, por outro lado, um micro aspecto do mesmo contexto (KOSSOY, 2016, p. 28).”

4.2.3. Captura de tela 3

Imagem 12: captura de tela 3 - Jornalistas Livres



Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

A imagem levemente fora de foco tem a potencialidade de passar a ideia de movimento, ação e energia. Todos esses três pontos podem ser contemplados em uma ideia positiva, tanto no sentido literal – as bandeiras e manifestantes estão em movimento durante a greve, lutando por melhorias – e também, no sentido figurativo

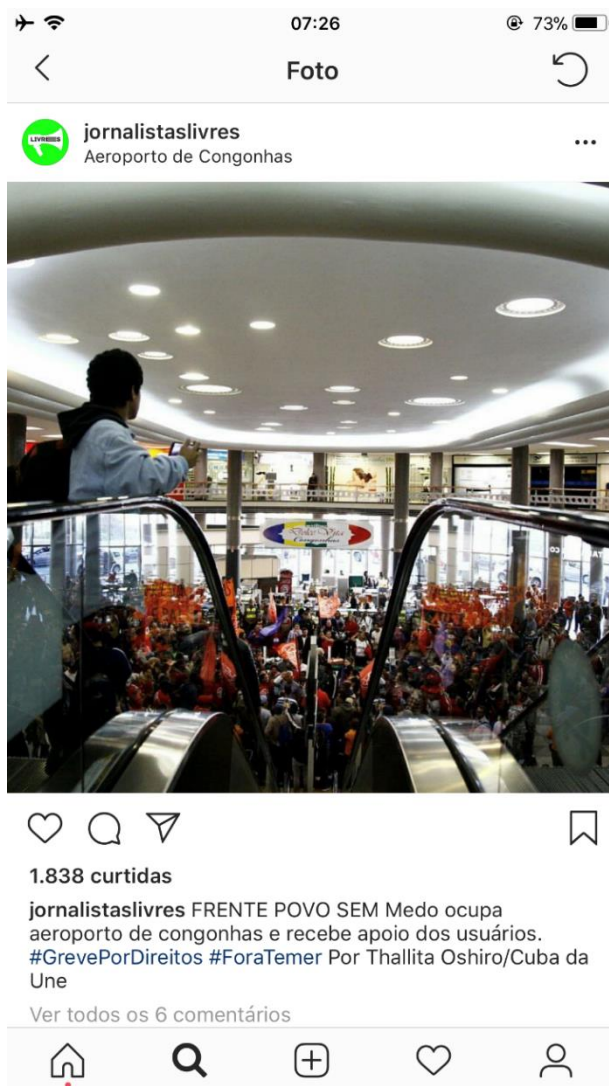
– a sociedade, o povo, não consente as atitudes do governo e, por isso, está em movimento.

A foto foi realizada por Leon Cunha e está um pouco acima do ângulo de visão do fotógrafo, ou seja, ele pode ter subido em uma escada/plataforma mais alta em relação aos manifestantes ou ergueu a câmera para poder fazer a imagem, possivelmente com o intuito de conseguir captar o maior número de manifestantes dentro do enquadramento.

Em relação a “historicidade”, a fotografia não contém elementos capazes de identificar o local, o que está ocorrendo e quem são as personagens da imagem. Essas informações ficam totalmente dependentes da legenda, conforme consta na **Imagem 12**: “MTST ocupa aeroporto de Congonhas Por Leon Cunha #GrevePorDireitos”.

4.2.4 Captura de tela 4

Imagem 13: captura de tela 4 - Jornalistas Livres



Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Esta imagem é sondada por um aspecto interessante, pois há um número grande de pessoas que estão no andar inferior e distante do fotógrafo, mas ainda assim conseguem transmitir a ideia de força, como se fossem uma unidade. O coletivo de pessoas, as cores fortes e bandeiras em movimento, mesmo que distantes, conseguem ser o elemento fulcral da imagem. O homem que está no início da escada

rolante está prestes a descer e fazer parte deste coletivo de pessoas, como se todos estivessem interligados.

A fotografia foi feita por Thalita Oshiro, que não capta nenhum elemento que seja capaz de conceder alguma historicidade à imagem. Por isso, para ter acesso à essas informações, é preciso consultar a legenda e confiar nela, pois não há elementos suficientes na fotografia para que se possa confirmar ou contestar a legenda. Conforme consta na **Imagem 13**: “FRENTE POVO SEM Medo ocupa aeroporto de Congonhas e recebe apoio dos usuários. #GrevePorDireitos #ForaTemer Por Thalita Oshiro/Cuba da Une”.

4.2.4 Captura de tela 5

Imagem 14: captura de tela 5 - Jornalistas Livres



Fonte: Perfil de Jornalistas Livres (@jornalistaslivres) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Esta imagem parece ter sido feita na Avenida Paulista, mas não é possível afirmar ao certo, pois não existem elementos nesta fotografia ou legenda (cf. **Imagem 14**: “Vejam esse céu no final da tarde de ontem. E essa gente? O que move tanta gente a lutar? O que faz as pessoas pensarem que há algo de errado nisso? Sem filtro, sem tratamento. A luta como ela é. #foratemer #grevepordireitos”) que sejam capazes de comprovar esta hipótese.

Na fotografia nota-se inúmeros balões e bandeiras, mas não é possível identificar o que está escrito neles. Em uma bandeira branca na extremidade inferior pode-se ler as letras “LUT”, provavelmente referentes a palavra “luta”, mas não se pode afirmar.

Esta foto tem a potencialidade de explorar a relação de pessoas que estavam fazendo parte da greve ou até mesmo a localização na legenda, o que não foi feito. A legenda contextualiza que é uma fotografia de greve com a *hashtag* “#grevepordireitos, porém, analisando apenas as duas plataformas, não é possível enquadrá-la na Greve Geral de 30 de junho de 2017. Por mais que as *hashtags* “#foratemer” e “#grevepordireitos” apareçam, vale ressaltar que houve inúmeros movimentos sociais contra o governo de Michel Temer, portanto, essa imagem pode ser enquadrada em qualquer um deles.

Em um ponto da legenda é possível ler: “Sem filtro, sem tratamento”, o que pode transmitir a ideia de que a imagem não usa o filtro da ferramenta de edição do próprio aplicativo Instagram, ou “tratamento”, como edição em outros *softwares*. Mas como dito anteriormente, o processo de edição vai muito além de filtro ou tratamento em *software*. O ato de escolher o que fotografar ou que plano usar também faz parte da edição. Vale a pena ressaltar que as câmeras fotográficas e as câmeras de *smartphone* também possuem sensores de recorte³⁴, portanto a lente escolhida é também um ato de edição. Assim, pode-se afirmar que a fotografia foi editada de inúmeras maneiras.

³⁴ O processo de edição é abordado com mais ênfase no capítulo 2, item “2.1 Fotografia, jornalismo, estética e Instagram”.

4.3 Mídia Ninja

4.3.1 Captura de tela 1

Imagem 15: captura de tela 1 – Mídia Ninja



Fonte: Perfil de Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Esta imagem, cujo ângulo está levemente em *plongée*, contribui para evidenciar os cartazes ao invés das pessoas e, por estar em um plano mais fechado, não é possível identificar o local. Por mais que o enquadramento tenha selecionado diversos

manifestantes, é notável que eles não são o elemento principal da imagem. O enquadramento não favoreceu o registro do número de pessoas, pois não foca nos manifestantes ou em sua ação, mas sim nos cartazes em cores chamativas, como o vermelho. Inclusive, é possível ler o que está escrito em alguns desses cartazes, como pode ser observado na **Imagem 15**: “Urgente: Greve Geral; Diretas por direitos”. Essas informações contam como elemento que contextualiza o movimento social de greve e ajuda a compreender por que motivos os manifestantes estão protestando.

Sendo assim, neste caso, também é preciso das informações da legenda para identificar o local onde a imagem foi capturada: “ZONA OESTE MOBILIZADA Na frente da estação de metrô Butantã militantes realizam ato contra as reformas do governo Temer. #GrevePorDireitos Fotos: Murilo Carnelosso”. É importante ressaltar que os dois elementos (cartazes e manifestantes) são importantes juntos, pois eles indicam uma imagem de greve ou movimento social.

4.3.2 Captura de tela 2

Imagem 16: captura de tela 2 – Mídia Ninja



Fonte: Perfil de Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Na **Imagem 16** é possível ver o contraste entre o azul do céu e o tom acinzentado do asfalto vazio. A linha do horizonte quebra a monotonia do azul e das ruas vazias. Percebe-se a presença de inúmeros edifícios como se estivessem ali propositalmente, apenas para lembrar que a “cidade que nunca dorme” parou para protestar contra o governo Temer, contra a reforma da previdência e dos direitos trabalhistas. Um elemento importante é a faixa branca na extremidade esquerda, com os dizeres: “Fora Temer e suas reformas”.

Podemos notar que a legenda (“O Cruzamento da Eusébio Matoso com a Marginal Pinheiros, o maior da América latina, travados por estudantes e trabalhadores contra as reformas essa manhã. #GrevePorDireitos Foto: Esquerda Online”) age em conjunto com a imagem, reforçando a mensagem da fotografia. É interessante ressaltar que nesta foto não há créditos a nenhum fotógrafo.

4.3.3 Captura de tela 3

Imagem 17: captura de tela 3 – Mídia Ninja



Fonte: Perfil de Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

A **Imagem 17** está no mesmo ângulo de visão do fotógrafo, o plano está um pouco fechado e, por isso, não é possível identificar exatamente onde a fotografia foi feita. Aparentemente, o prédio ao fundo no lado esquerdo pode ser o Masp, mas não está claro. A foto não possui créditos. O fotógrafo conseguiu captar os manifestantes com instrumentos musicais e podemos observar no centro, como elemento em evidência, uma mulher que transmite descontração ao segurar o microfone. Mesmo com os grandes instrumentos musicais e bandeiras coloridas, a personagem feminina chama a atenção na fotografia por seu entusiasmo aparente. A legenda contribui com as informações apresentadas na imagem: “Juventude mobilizada na Av. Paulista, contra as reformas de Michel Temer. É #GrevePorDireitos! Foto Mídia NINJA”.

Fica visível nesta publicação o retrato da juventude engajada no movimento social, passando a ideia de força e esperança. Tanto a energia transmitida pelos jovens retratados com instrumentos musicais quanto o entusiasmo demonstrado pela mulher que segura o microfone corroboram as palavras utilizadas na legenda “juventude mobilizada”, reforçando a mensagem.

4.3.4 Captura de tela 4

Imagem 18: captura de tela 4 – Mídia Ninja



Fonte: Perfil de Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Na **Imagem 18**, podemos observar três homens, dois em primeiro plano ligeiramente desfocados e, em segundo plano, o terceiro homem com capacete na mão, completamente nítido. Nesta imagem é possível ver bandeiras vermelhas com letras, mas apenas uma palavra está completa (luta). Há também uma bandeira lisa azul.

A escolha do plano mais fechado e o foco nas expressões dos homens pode ter ocorrido para enfatizar as feições, assim como os gestos dos braços para indicar luta e força. Essa estética, com bandeiras para cima em movimento e gestos com as

mãos pode ser reconhecida como imagem de greve. Porém, não há elementos necessários para contextualizar a imagem neste contexto de greve, em especial. Por estar associada à cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017, é fácil vê-la como imagem de greve, mas, caso não estivesse inserida neste contexto, talvez fosse difícil identificá-la. Em decorrência do plano fechado nos três homens, só resta um pequeno espaço na fotografia que mostra o local ao redor, sendo possível notar que é uma parte externa, com edifícios e placa de sinalização de trânsito. Neste caso, para localizar a origem e saber o que os três homens estão fazendo, é necessário consultar e confiar na legenda: “O MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto realizou ato no Aeroporto Internacional de Congonhas no Salão de Embarque, em São Paulo. #GrevePorDireitos Foto: Mídia NINJA”.

A legenda informa que são manifestantes do MTST dentro do Aeroporto de Congonhas, mas há uma contradição clara entre a legenda e imagem: a legenda informa que a manifestação ocorre no Saguão do Aeroporto de Congonhas quando claramente os três manifestantes estão em um ambiente externo, sendo possível até ver uma placa de trânsito e alguns prédios. Os manifestantes poderiam até estar a caminho ou já ter saído do encontro, mas é crucial que esse tipo de informação esteja na legenda.

Sendo assim, neste caso, podemos concluir que texto e imagem são dissonantes, pois a imagem não condiz com a afirmação da legenda, que diz que eles estão no Aeroporto Internacional de Congonhas e fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto.

4.3.5 Captura de tela 5

Imagem 19: captura de tela 5 – Mídia Ninja



Fonte: Perfil de Mídia Ninja (@midianinja) no aplicativo Instagram (versão para dispositivos móveis). Captura de tela realizada em 28 de maio de 2019.

Na **Imagem 19** temos o retrato do político e ativista Guilherme Boulos, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que também foi candidato à presidência nas eleições de 2018. Provavelmente a escolha de veicular seu retrato se deu pelo fato dele ter o mesmo posicionamento que a mídia alternativa Mídia Ninja.

Inclusive, se analisarmos somente esta fotografia (como plataforma isolada) não podemos caracterizá-la como uma fotografia de greve. O retrato que tem Boulos em primeiro plano enquanto os manifestantes estão ao fundo desfocados, pode

oferecer uma margem grande de interpretações. Partindo do pressuposto que ele foi reconhecido, é possível enquadrá-lo em uma participação de comício, em qualquer outro tipo de movimento social ou até mesmo em um evento de seu partido.

Importa sublinhar que tanto a fotografia quanto a legenda (“Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto realizou ato no Aeroporto Internacional de Congonhas, no Salão de Embarque, em São Paulo. #GrevePorDireitos Foto: Mídia Ninja”) não oferecem elementos para poder identificá-lo. Hoje é possível saber quem é o político (para alguns receptores), mas enquanto ao futuro? Será que vai ser possível compreender esse retrato? Demarcamos que as duas plataformas juntas (texto e imagem) não oferecem informações suficientes de historicidade.

Outro ponto interessante é que, assim como na **Imagem 18**, a legenda afirma que a fotografia foi realizada no Saguão de Embarque do Aeroporto Internacional de Congonhas, mas é possível notar que foi realizada em área externa. Mesmo com o fundo da foto desfocado, pode-se identificar inúmeras árvores e edifícios.

É possível concluir que, além da falta de elementos informativos, como no caso da identificação de Guilherme Boulos, as duas plataformas são dissonantes, pois a imagem mostra um ambiente externo, enquanto a legenda informa que a imagem foi realizada em um ambiente interno. Em relação ao elemento historicidade, mesmo juntas, as duas plataformas não englobam esta informação.

4.4 Folha de São Paulo

4.4.1 Captura de tela 1

Imagem 20: capa versão impressa Folha de S. Paulo do dia 01/07/2017



A fotografia da Greve Geral de 30 de junho de 2017 é logo a primeira da capa. É interessante observar que mesmo a imagem estando em local de destaque, não possui manchete textual correspondente, apenas a legenda. Na **Imagem 20**, podemos observar que mesmo com os altos edifícios, incluindo o do Masp ocupando a maior dimensão da fotografia, o que está em evidência são os manifestantes nas ruas e o espaço vazio entre eles. A vantagem da imagem aérea é o potencial para captar uma extensão maior da cena fotografada e, nesta imagem, mesmo com os notáveis prédios, o que está em destaque são os espaços vazios entre os manifestantes, deixando à mostra a sensação de vazio. A imagem transmite a ideia de que o movimento não teve um fechamento satisfatório, pois há poucas pessoas na rua para uma grande área vazia.

A legenda “SEM FORÇA Protesto na av. Paulista contra Temer e as reformas, racha entre centrais sindicais esvaziou manifestações desta sexta (30) Mercado A20”, casa integralmente com a informação que a imagem traz, reforçando a localização geográfica e a falta de manifestantes.

Neste caso, podemos concluir que usar a palavra “protesto” no lugar do nome oficial “Greve Geral” na legenda também contribui para rebaixar a importância do movimento social, já que esta foi a segunda greve geral no Brasil. Legenda e fotografia estão conectadas, porém, as duas plataformas contribuem para transmitir uma imagem negativa sobre a greve.

4.4.2 Captura de tela 2

Imagem 21: versão impressa edição de 01/07/2017 da Folha de S. Paulo



Policial contém manifestante no viaduto do Chá (SP): nove foram levados para delegacia

Fonte: Site da Folha de São Paulo

A **Imagem 21** segue o mesmo ângulo da linha de visão do fotógrafo, com o plano mais fechado, evidenciando três policiais e uma mulher na parte central da fotografia. Nesta ação, o policial aparenta segurar o casaco da manifestante com brutalidade, enquanto há mais dois policiais auxiliando a operação. Podemos ressaltar que, logo acima do braço da mulher que está sendo repreendida com força pelo policial, há um flash de luz de uma câmara, o que também contribui para o direcionamento da atenção para o ato policial.

Como a fotografia está em plano fechado, não é possível localizar o espaço geográfico. Não há outros elementos que contribuem para esta identificação, como manifestantes, faixas ou cartazes capazes de contextualizar o que estava ocorrendo durante a greve.

A legenda da imagem: “Policiais contém manifestantes no viaduto do Chá (SP): nove foram levados para delegacia”, além de informar a localização geográfica, também reforça que houve nove prisões. A informação pode transmitir a sensação de

que a Greve Geral não foi um evento pacífico ou até mesmo não tenha contribuído para seu verdadeiro objetivo, já que não houve veiculação de imagem do movimento.

Esta imagem e a legenda agem em conjunto e se complementam. A legenda fornece a localização, elemento impossível de identificar na imagem. Portanto, é possível considerar que a imagem e a legenda reforçam a mensagem de violência e perigo durante a Greve Geral de 30 de junho de 2017.

4.4.3 Captura de tela 3

Imagem 22: captura de tela do site da Folha de S. Paulo

Greve geral no Brasil

Centrais Sindicais organizam manifestações e greves em protesto às reformas trabalhista e da Previdência



30 jun. 2017 às 7h50 · Atualizado: 30 jun. 2017 às 21h30

1 / 22 Greve geral no Brasil



PM entra em confronto com manifestante em ato contra governo Temer no centro de SP Adriano Vizoni/Folhapress

Fonte: Site da Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/51237-greve-geral-no-brasil>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

Na **Imagem 22** é possível notar que os personagens no centro da fotografia estão em movimento, mesmo que a imagem esteja “congelada”. A foto está em um

plano mais fechado na mesma linha de visão do fotógrafo e, por isso, não é possível reconhecer o local.

É viável verificar a ação aparentemente agressiva por parte policial. Observa-se que ao redor da cena está presente um público, mas é irrealizável identificar quem são, o que estão fazendo naquele momento, tampouco se são manifestantes ou só curiosos diante da ação policial.

O conteúdo textual reforça a agressividade e identifica o espaço como o centro de São Paulo: “PM entra em confronto com manifestante em ato contra governo Temer no centro de SP”. Nesta legenda, a Folha utiliza “ato contra governo Temer” ao invés de “Greve Geral”, assim como na legenda das imagens 20 e 21. Reiteramos que a escolha por não utilizar o nome oficial (Greve Geral) do movimento social contribui para a desvalorização do evento e pode transmitir a falsa mensagem que o ato não é de grande relevância.

4.4.4 Captura de tela 4

Imagem 23: captura de tela galeria online da Folha de S. Paulo

The screenshot shows the 'mercado' section of the Folha de S. Paulo website. The main headline is 'Protestos contra as reformas de Temer bloqueiam ruas e rodovias pelo país'. Below the headline is a large image of a protest in São Paulo with many people and balloons. To the right of the main image is a sidebar with 'leia também' (read also) and 'calculadoras' (calculators). The 'leia também' section contains three articles: 'Laudo da polícia indica pressão de Temer sobre BNDES em favor da JBS', 'TCU aprova contas de Dilma e Temer com ressalvas', and 'Mercado duvida de reforma ampla da Previdência na gestão de Temer'. The 'calculadoras' section has a link to 'ECONOMIZE Carro, táxi, Uber ou Zazcar: veja o que vale a pena para o seu bolso'. On the far right is a large advertisement for BR PARTNERS with the text 'Nossa isenção e profundo conhecimento do mercado nos fizeram líderes mais uma vez nos principais rankings entre os bancos de investimento.'

Fonte: Site da Folha de S. Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/06/1897324-protestos-e-bloqueios-marcam-comeco-de-dia-de-greve-no-pais.shtml>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

Na **Imagem 23** é possível ver uma concentração grande de pessoas próximas do Vão Livre do Museu Masp, na Avenida Paulista. O ponto em evidência nesta fotografia são os manifestantes junto com balões e bandeiras. Além do número grande de pessoas, o balão da CUT contextualiza a greve, em parte, porque foi o presidente da CUT, Vagner Freitas, que convocou a Greve Geral de 30 de junho de 2017.

A fotografia tem elementos suficientes para contextualizá-la, já a legenda (“Protestos contra as reformas de Temer bloqueiam ruas e rodovias pelo país”), é abrangente e nada traz de específico sobre a imagem. A legenda desta imagem é genérica e foi usada em todas as fotos da galeria. Basicamente, a legenda poderia estar em qualquer fotografia em que os manifestantes estivessem na rua, não importando em qual parte do Brasil, contanto que fosse durante Greve Geral de junho de 2017.

4.5 Estado de São Paulo

4.5.1 Captura de tela 1

Imagem 24: versão impressa edição de 01/07/2017 d'O Estado de S. Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

Sábado 1 DE JULHO DE 2017 R\$ 4,00 PÁG. 130 Nº 56.180 EDIÇÃO DE 211.930 estado.com.br

Caderno 2
O banco é dele
Carlos Alberto de
Nóbrega comemora
30 anos na Praçq. PÁG. 05

ESTADÃO
Finanças Mais
Executivos defendem
a aprovação das
reformas. PÁG. 08 e 09

Fachin manda soltar Rocha Loures, ex-assessor de Temer

Preso após ser filmado com mala entregue pela JBS contendo R\$ 500 mil, ex-deputado usará tormozeira eletrônica

O ministro Edson Fachin, do STF, decidiu tirar da prisão o ex-deputado Rodrigo Rocha Loures (PMDB-PR), denunciado por corrupção passiva com o presidente Michel Temer em investigação iniciada com a delação do irmão, Rafael. A prisão preventiva de Loures foi substituída por medidas alternativas recolhimento em celas, monitoramento e casa silada, domingos e feriados, fiscalização por monitoração eletrônica, proibição de contato com qualquer investigado, rca ou testemunha relacionado ao caso JBS, proibição de ausentar-se do País e comparecimento em Juízo sempre que requisitado. O ex-assessor de Temer está preso desde 3 de junho na Superintendência da PF em Brasília, após ter sido flagrado recebendo mala com R\$ 500 mil de propina da JBS. Segundo o ocupante da cadeira, Loures foi indicado por Temer como interlocutor para assuntos da empresa no governo. O presidente foi denunciado por corrupção passiva e investigação por obstrução da Justiça e organização criminosa. **POLÍTICA / PÁG. 04**

Vera Magalhães
Alívio para o presidente
No dia em que Loures vai a soltar, a família havia denunciado o presidente para que ele se desculpasse. A saída da cadeia jogou água nessa ferveria. **PÁG. 04**

STF restitui mandato de Aécio no Senado

O ministro Marco Aurélio Mello, do STF, negou pedido de prisão do senador Aécio Neves (PSDB-MG), feito com base nas delações da JBS, e devolveu o mandato do tucano. No despacho, Marco Aurélio escreveu que Aécio tem "curta e política pública". **POLÍTICA / PÁG. 04**

Desemprego fica em 13,3%, segundo IBGE

A taxa de desemprego medida de desemprego ficou em 13,3%, ou 5,7 milhões de pessoas, de acordo com dados divulgados pelo IBGE. O número é 0,4% maior do que registrado no mesmo período de 2016, mas está abaixo dos índices de março (13,2%) e abril (13,6%). Houve ainda queda nos postos de trabalho com carteira. **ECONOMIA / PÁG. 05**

Abdelmassih terá de voltar para prisão
NETOPOLE / PÁG. 08

Preço de combustíveis pode ter variação diária
ECONOMIA / PÁG. 08

Tempo em SP 17 Mai. 15 Min.

Fim de abono é alternativa a mudanças na Previdência

Embora o ministro Henrique Meirelles (Povão) ainda considere viável a aprovação pelo Congresso da reforma da Previdência, o governo avalia medidas que podem ser adotadas caso o projeto não passe ou seja desistido. O fim do abono salarial – pago anualmente aos trabalhadores inscritos no PIS/Pasep há pelo menos cinco anos e que tem rendimento anual inferior de 12% dos salários mínimos – é alternativa para garantir o cumprimento do teto de gastos. O benefício custa R\$ 17 bilhões por ano. **ECONOMIA / PÁG. 05**

Governo suspende reajuste do Bolsa Família

O governo cancelou o reajuste do Bolsa Família, previsto para este mês. A ideia, anunciada em maio, era aumentar o benefício em 4,6%, acima da inflação oficial, de 3,0% nos últimos 12 meses. A medida do programa é de R\$ 120 por família e, no ano passado, o benefício teve reajuste de 2,8%, após dois anos sem aumento. Além da falta de recursos, o governo considera que a crise política se sobrepôs ao anúncio do reajuste. **ECONOMIA / PÁG. 05**

Dia de protesto contra reformas tem baixa adesão

O dia de mobilização contra as reformas trabalhista e previdenciária teve protestos nas maiores capitais, mas baixa adesão à greve geral convocada por centrais sindicais. Manifestantes fecharam ruas e metrô em SP, mas a participação na Câmara foi bloqueada. **ECONOMIA / PÁG. 08**

Brasília, Aécio em casa, na tarde de ontem: 'Sempre acreditei na Justiça do meu País', disse o senador, em nota

BRASILIA

FESTIVAL PREMIUM CAO

A linha Premium de SUVs da Hyundai com as melhores condições do mercado.

Veja mais na página 5.

CAOA MONTADORA

Julio Domingos
Qualquer análise que se faça sobre a greve geral leva a concluir que foi um fracasso. **POLÍTICA / PÁG. 05**

Fernando Reinach
Outras áreas, além do universo não querem nada com os presidentes deste planeta. **NETOPOLE / PÁG. 08**

NOTAS & INFORMAÇÕES

A nova procuradora-geral
Espera-se que Raquel Dudgeon seja nomeada para o cargo de procuradora-geral do Ministério Público e respectivo substituto à lei. **PÁG. 03**

A incerteza contagiosa
Projeção de crescimento econômico deve ser reduzida. **PÁG. 03**

WSP
011-3333-1111
FONE 011-3333-1111

A capa da versão impressa da edição de 01/07/2017 do jornal Estado de São Paulo não tem nenhuma imagem sobre a Greve Geral, mas apresenta uma pequena chamada sobre o ocorrido na coluna da extremidade direita: “Dia de protesto tem baixa adesão”, sem imagem para acompanhar a análise linguística neste contexto.

Optamos por selecionar esta capa com o intuito de utilizar como amostra de comparação, já que analisamos a imagem da capa da Folha de São Paulo e também pelo fato de O Estado de São Paulo ter veiculado uma chamada de texto sem imagem sobre a Greve Geral de 30 de junho de 2017 na capa.

A ausência de imagem também é comunicação. Neste contexto, podemos elencar os critérios de noticiabilidade, por exemplo, já que não é possível noticiar tudo e o objetivo “declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes” (WOLF, 2003 p.188).

4.5.2 Captura de tela 2

Imagem 25: captura de tela do site d'O Estado de S. Paulo



Dia de protestos contra reformas tem baixa adesão

Manifestantes fecharam vias nas principais capitais; sindicatos já programa nova mobilização em Brasília

- O dia de mobilização contra as reformas trabalhista e previdenciária teve protestos nas maiores capitais, mas baixa adesão à greve. Manifestantes fecharam ruas e rodovias, causando congestionamentos.
- Em São Paulo, sindicatos se reuniram diante da Superintendência Regional do Trabalho, no centro, de manhã, e na Avenida Paulista, à tarde. Manifestantes

caminharam pela Rodovia Hélio Smidt, de manhã, em direção ao Aeroporto de Cumbica, em Guarulhos. Mesmo sem bloqueio total da pista, o trânsito ficou complicado para quem tentava chegar ou sair do aeroporto. Também houve protesto no Aeroporto de Congonhas.

O secretário-geral da Força Sindical, João Carlos Gonçalves, o Juruna, afirmou que a greve geral teve impactos menores na cidade por não ter contado com os trabalhadores do transporte. "A greve não fracassou. A espinha dorsal de uma greve maior em qualquer país são os trabalhadores do transporte." Segundo o dirigente, representantes sindi-

cais vão à Brasília na próxima semana para continuar as conversas com os congressistas sobre as reformas.

Para Douglas Izzo, presidente da CUT-SP, o movimento teve a participação esperada. "Não posso comentar a postura de outras centrais, é preciso levar em conta a dificuldade de algumas categorias pararem, mas não vamos especular sobre nada (*sobre possíveis negociações com o governo Temer*)", disse. "O próximo passo será parar Brasília na semana que vem, para evitar essa reforma trabalhista."

À noite, os manifestantes que estavam na Paulista caminharam em direção à Prefeitura. Ao

menos oito jovens foram presos pela Polícia Militar, que lançou pelo menos duas bombas de efeito moral. Os policiais não explicaram o motivo da detenção.

No Rio, transporte público e aeroportos funcionaram e bancos e agências dos correios fecharam. Houve bloqueios em vias importantes, como a Avenida Brasil e a Linha Vermelha, sem confrontos com a polícia. Nos acessos ao aeroporto Tom Jobim, a passagem de carros foi bloqueada. À noite, houve confusão durante protesto no centro.

No Palácio Guanabara, sede do governo estadual, servidores e alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) participaram de uma aula pública, um protesto contra o governador Luiz Fernando Pezão e o presidente Temer. Os professores não receberam os vencimentos de abril nem maio, tampouco o 13.º salário de 2016.

Mais tradicionais cenários de protestos da capital federal, a Es-

planada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes, em Brasília, amanheceram fechadas ontem pela Polícia Militar. A greve teve a adesão de metroviários, rodoviários, bancários e professores.

Em Salvador, manifestantes pararam a Avenida ACM, uma das mais importantes e movimentadas da cidade. Parte dos ônibus parou e a situação ficou ainda mais complicada por causa da chuva. Os organizadores falaram em cerca de 30 mil participantes. Pascoal Carneiro, da Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB), anunciou um evento bem maior em Brasília. "Nosso objetivo é intensificar as manifestações e, em breve, realizar um grande protesto em Brasília, o Ocupa Brasília."

Luciana Dymewicz, Douglas Gavras, Roberta Pennafort, Marco Antônio Carvalho, Leonêncio Nossa, Heliana Frazão

Fonte: Site do Estadão. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/dia-de-protestos-contras-reformas-tem-baixa-adesao,70001872787>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

A Imagem 25 tem alguns elementos que podem garantir sua historicidade. É possível notar a localização na Avenida Paulista pela estética da placa de sinalização, onde lê-se: "Al. Min. Rocha Azevedo", que é sobre uma alameda que cruza a avenida. Os postes de luz também são condizentes esteticamente com os da avenida. Outro

elemento importante para contextualização da imagem é a faixa preta com os dizerem: “Fora Temer e suas reformas! Eleições diretas”. Nesta faixa está escrito o motivo da greve, por isso ela é um elemento importante para contextualizar. Em relação a legenda (“Manifestação bloqueou a Avenida Paulista à noite”), também não foi utilizada a expressão “Greve Geral”.

4.5.3 Captura de tela 3

Imagem 26: captura de tela galeria online d'O Estado de S. Paulo

Veja o que dizem os manifestantes em ato contra as reformas

2 / 9

30/06/2017 | 17h51

DANILO CAMARCO, ADVOGADO, E A EMPRESÁRIA TÂNIA ALBA

O advogado Danilo Camargo, 55, e a empresária Tânia Alba, 56, participaram do movimento pelas Diretas, em 1984, e do Fora, Collor, em 1992, e reconhecem que o País melhorou muito. “Éramos um País de classe E, somos de classe C agora”, diz ele. Eles dizem acreditar que a única solução verdadeiramente democrática hoje seria a eleição direta para presidente antecipada. “O governo não tem legitimidade, é preciso deixar o povo escolher”, diz Camargo. Foto: Douglas Gavras/Estadão

Fonte: Site do Estadão. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/galerias/macro-economia.veja-o-que-dizem-os-manifestantes-em-ato-contra-as-reformas.32759>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

A **Imagem 26** é um retrato que, sozinho, traz poucas informações. Vale a pena ressaltar que a estampa na camisa branca do homem traz o personagem do cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, conhecido pelo seu trabalho de protesto e luta contra a Ditadura Militar no Brasil. A legenda traz a opinião dos manifestantes retratados, que são favoráveis à greve: “DANILO CAMARGO, ADVOGADO, E A EMPRESÁRIA TÂNIA ALBA”.

O advogado Danilo Camargo, 55, e a empresária Tânia Alba, 56, participaram do movimento pelas Diretas, em 1984, do Fora Collor, em 1992, e reconhecem que o País melhorou muito. “Éramos um País de classe E. E somos de classe C agora”, diz ele. Eles acreditam que a única solução verdadeiramente democrática seria a eleição direta para presidente antecipada: “O governo não tem legitimidade, é preciso deixar o povo escolher, diz Camargo. Foto: Douglas Gavras/Estadão”.

4.5.4 Captura de tela 4

Imagem 27: captura de tela galeria online d'O Estado de S. Paulo



Fonte: Site do Estadão. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/fotos/macro-economia,manifestacoes-pelo-pais,761400#>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

A **Imagem 27** apresenta forte do contraste, que evidencia as chamas. Basicamente, são esses os pontos de destaque na foto. Dá para perceber que há a silhueta de uma pessoa e objetos no fogo, o que não contribui para contextualizar a imagem. Esse é o tipo de fotografia que necessita da legenda para ser compreendida. A legenda (“Manifestações em São Paulo. Os protestos começaram de manhã na capital paulista. Foto: Fernando Bizerra Jr/EFE”) auxilia pouco na contextualização da fotografia, pois não informa onde exatamente é o local, o motivo do fogo, de quem é a silhueta ou o que a pessoa está fazendo ali. Esteticamente, o fogo e as chamas podem atrair a atenção, mas neste caso, nem a imagem e nem a legenda trouxeram informação sobre o ocorrido.

4.5.5 Captura de tela 5

Imagem 28: publicação sobre a Greve Geral de 30/06/2017 no Instagram do Estado de S. Paulo

Fonte: Instagram do Estadão (versão web). Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/fotos/geral.manifestacoes-em-sao-paulo.761075>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

A fotografia de Nelson Almeida/AFP retrata o pato inflável usado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP em chamas. Símbolo da campanha “Não Vou Pagar o Pato”, seu objetivo era divulgar e enfatizar a alta carga de impostos no Brasil. Ficou conhecido popularmente como “pato da FIESP”.

A **Imagem 28**, que retrata o pato amarelo em chamas, pode representar que os manifestantes da Greve Geral de 2017 são contra à classe dos industriários, que apoiavam a reforma trabalhista (símbolo do desmanche de muitos direitos trabalhistas, beneficiando os empresários).

A legenda desta imagem não fornece informações suficientes para que seu receptor possa compreender a ação. É uma legenda com poucas informações: “GREVE: Em protesto contra as reformas do governo Temer na Paulista, manifestante tocam fogo em pato amarelo em frente à Fiesp. Acompanhe a cobertura em estadao.com.br. Crédito: Nelson Almeida/AFP PHOTO”.

É importante ressaltar que tanto a legenda como a própria imagem não oferecem informações para contextualizar sobre o “pato da FIESP” e o que representa

queimá-lo. Por isso, o ato de colocar fogo em um bicho inflável no meio da Avenida Paulista também pode representar violência e depredação vinda dos manifestantes. Neste caso, legenda e imagem conversam, porém não transmitem informações suficientes.

De forma geral, podemos perceber que existem diferenças entre o conteúdo publicado pelas mídias alternativas e tradicionais. Mídia Ninja e Jornalistas Livres se preocuparam em oferecer mais informações sobre a Greve Geral de 30 de junho de 2017, como por exemplo, elencar os endereços que estavam fechados para o trânsito de veículos e elucidar os motivos e locais das manifestações. Folha de São Paulo sequer teve publicação sobre a greve na rede social digital Instagram. Nas outras plataformas, o conteúdo não era suficiente para oferecer necessária contextualização sobre o movimento social aos seus receptores. O Estado de São Paulo, por sua vez, publicou uma única postagem sobre a greve no Instagram: uma imagem que não oferecia muitas informações, com uma legenda que sequer contribuía para a contextualização do símbolo contido na imagem (o pato inflável que tem sua imagem vinculada à Fiesp).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o propósito de análise, podemos constatar que as mídias alternativas “Jornalistas Livres” e “Mídia Ninja” ofereceram um espaço maior para a pauta da cobertura da Greve Geral de 30 de junho de 2017 em relação às mídias tradicionais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. As mídias tradicionais dedicaram pouco espaço a esta cobertura e, mais do que isso, não ofereceram informações suficientes nas imagens e legendas que fossem capazes de contextualizar a greve.

Antes de continuar, é preciso apontar que só houve uma postagem sobre a Greve Geral de 30 de junho de 2017 no Instagram advinda das mídias tradicionais. Essa publicação (**Imagem 28**) foi feita pelo Estado de São Paulo, e não contém elementos necessários para compreender todo o contexto. Primeiramente, na fotografia o “pato da Fiesp” não abrange o cenário do movimento social, não contém manifestantes ou qualquer elemento que identificasse a greve ou o motivo dela. Em segundo lugar, a legenda cita a “greve”, mas não a retrata como “greve geral” e não contextualiza a simbologia por trás do pato inflável.

Esse resultado foi a confirmação de uma das hipóteses desta dissertação, que as mídias alternativas, que afirmam não ter relações comerciais, cobriram com maior ênfase o movimento social em relação aos grandes conglomerados de comunicação.

Além das imagens, esta pesquisa também considerou o conteúdo textual pois, como salientado por Boris Kossoy e Martine Joly, é de extrema importância observar o conteúdo textual conjuntamente com o imagético. O elemento “texto” tem a potencialidade de oferecer informações opostas e se contradizer ou complementar a mensagem que as estruturas estão transmitindo separadamente. Sendo assim, podemos salientar que ambas as mídias tradicionais analisadas, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo apresentaram a mesma linha de mensagem nas linguagens textual e imagética.

As mídias tradicionais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo utilizaram em seu conteúdo a terminologia “greve” apenas uma vez, dentre todo o material analisado nesta pesquisa. Foi O Estado de São Paulo (**Imagem 28**) na publicação no Instagram. Sendo assim, pudemos observar que a plataforma principal de ambas as mídias, o jornal impresso, não apresentou o movimento social como greve geral, mas

sim como “protesto” e “manifestação” (terminologias utilizadas pela mídia tradicional). Essas terminologias podem representar um evento diferente do que realmente foi, até mesmo porque o Brasil só teve uma greve geral (1917) anterior à de 30 de junho de 2017, o que dá a dimensão de sua importância. Talvez o intuito fosse enquadrar o evento na linha editorial, porém, não ter dito que o movimento era uma greve geral pode ter gerado uma ideia para o receptor de que o evento era de menor relevância.

Se aprofundando no conteúdo textual, o Estado de São Paulo veiculou uma imagem na galeria online (**Imagem 26**) que explica os motivos do manifestante retratado ter participado da greve, mas não houve outras publicações que tivessem maior conteúdo sobre a imagem ou a greve. Neste quesito, as mídias alternativas veicularam mais informações sobre o movimento social, como pontos onde os manifestantes estavam ou os endereços que estavam bloqueados para o trânsito de veículos, (Avenida Paulista e o Cruzamento Eusébio Matoso com Marginal Pinheiros, por exemplo).

Podemos ver como as imagens, ou até mesmo a falta delas, pode refletir no enquadramento usado pela linha editorial de cada mídia. Ambas as mídias alternativas afirmam em “Quem Somos”, que se concentram em mostrar conteúdos focados no bem coletivo, como a Greve Geral. De acordo com esta pesquisa de mestrado, elas alcançaram seu objetivo. Assim, concluímos com nossa análise que Mídia Ninja e Jornalistas Livres são uma alternativa aos grandes conglomerados de notícias, pois abordam temas de forma diferente da mídia tradicional e com maior ênfase. Consideramos que Mídia Ninja e Jornalistas Livres são mídias alternativas, mas não são mídias independentes.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

ARAGÃO, Rodrigo Martins. **Usos Jornalísticos do Instagram: Aproximações a partir do JC Imagem.** In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação a Região Nordeste. Anais... Recife – PE, 2012. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0922-1.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica.** Tradução de César Blom. Original de 1961. Disponível em: <<http://www.leden.uerj.br/wp-content/uploads/2019/05/49666238-A-Mensagem-Fotografica-Roland-Barthes.pdf>>. Acesso em: 21 de ago. de 2019.

_____. **Câmera Clara.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

CAPRIGLIONE, Laura. Entrevista concedida a Bárbara Fcamidu. São Paulo, 25 jun. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia].

COUCHOT, Edmond. **Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração.** In: PARENTE, André (Org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DIJCK, J. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. **MATRIZES**, v. 11, n. 1, p. 39-59, 30 abr., 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/131620/127911>>. Acesso em: 03 de fev. de 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **O universo das imagens técnicas elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. **Revista Discursos fotográficos.** Londrina, v.4, n.5, p.13-36, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1924>>. Acesso em: 28 de mar. de 2019.

GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Fotojornalismo no Instagram. O que os usuários querem ver?** In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul. Anais... Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0572-1.pdf>>. Acesso em: 28 de mar. de 2019.

HAUBRICH, Alexandre. **Mídias alterativas a palavra da rebeldia**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

INSTAGRAM PRESS. Disponível em: <<https://instagram-press.com/>>. Acesso em: em 07 de mar. de 2019.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, SP: Papyrus 2012.

JORNALISTAS LIVRES. **Quem somos**. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e perpétuo**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 5 ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LIMA, Venício A. de. Existe jornalismo independente? **Observatório da Imprensa**. Edição 539. 26 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/existe_jornalismo_independente/>. Acesso em: 11 de jun. de 2020.

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Edusp, 2013. p.89-94.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo no século XXI**: O modelo #MídiaNinja. Editora: e-galáxia, 20 de agosto de 2014. Edição Kindle. Não paginado.

LORENZOTTI, Elizabeth. POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. **Observatório da Imprensa**. Edição 752. 25 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores/>. Acesso em: 22 de abr. de 2019.

MARQUES, Ana Flávia; KINOSHITA, Jamir; MOLIANI, João Augusto. **Os arranjos de mídia alternativos e suas “redações virtuais”**. In: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Anais... São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1503/725>>. Acesso em: 03 de fev. de 2020.

MÍDIA NINJA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

MONFRINATO, Barbara M. F.; SOUZA E SILVA, Wagner. **Dinâmicas de Desenquadramento Fotográfico no Instagram**. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação, Intercom. Anais... São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2043-2.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

PASQUALE, Frank. A esfera pública automatizada. **Revista Líbero**. São Paulo. v. 20, n. 39, 2017. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866>>. Acesso em 15 de jun. de 2020.

PERSICHETTI, Simonetta. A dimensão ideológica e política da fotografia e a imagem do Presidente do Brasil. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; PERSICHETTI, Simonetta (Orgs.). **Política, mídia e espetáculo**. São Paulo: Editora Cásper Líbero, 2018. pp. 33-59.

PERSICHETTI, Simonetta; CIOCCARI, Deysi. **Conversando com a imagem**. São Paulo: Editora Cásper Líbero, 2019.

PERUZZO, Cicilia M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Revista Contemporânea**. Salvador, UFBA, v.11, n.1, p. 161-181, 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980/6087>> Acesso em: 29 de abril de 2019.

PERUZZO, Cicilia M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?). **Revista MATRIZES**, ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013, p.73-93. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407/71976>>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo na era digital**. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual (orgs). **Mídia, Poder e Contrapoder**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. pp. 85-102.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

ROXO, Michelle; GROHMANN, Rafael; MARQUES, Ana Flávia. **Lugares de Enunciação e Disputas de Sentido em Relação ao Trabalho Jornalístico em Arranjos Alternativos às Corporações de Mídia**. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Anais... São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://sbpior.org.br/congresso/index.php/sbpior/sbpior2017/paper/viewFile/740/357>> Acesso em: 08 de mar. de 2019.

SERRANO, Pascual. Democracia e liberdade de imprensa. In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual (orgs.). **Mídia, Poder e Contrapoder**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. pp. 71-82.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Revista Estudos em jornalismo e mídia**. Vol.II nº1 – 1º Semestre de 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 11 de fev. de 2020.

SILVA JR, José Afonso da. **Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o Instagram Explica a Crise da Kodak e Vice-versa.** In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/r7-1704-1.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia: Perda e Permanência.** São Paulo: Senac, 2010.

SOULAGES, François. O filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital. [Entrevista concedida a] ZORZAL, Bruno; MENOTTI, Gabriel. **Zum Revista de Fotografia.** Publicado em: 02 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/>>. Acesso em: 08 de mar. de 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Chapecó; Florianópolis: Argos Editora Universitária; Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **As Notícias e Seus Efeitos.** Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>>. Acesso em: 18 de nov. de 2019.

SOUZA E SILVA, Wagner. Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram. **Tríade: comunicação, cultura e mídia.** Sorocaba, SP, v. 3, n. 6, p. 108-123, dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/issue/view/173>>. Acesso em: 07 de mai. de 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes: 2003.

APÊNDICE A. Entrevista com a jornalista Laura Capriglione

1. O que vocês entendem por jornalismo humanizado e porque a imprensa tradicional não faz um jornalismo humanizado?

Laura Capriglione: Bom, é, na verdade jornalismo humanizado, a gente nem usa tanto essa expressão, mas a ideia é fazer um jornalismo que reflita o ser humano na sua complexidade total. Se o cara é produtor de cultura eu não vou tentar enquadrar ele no interesse da indústria de discos, eu vou falar da cultura dele, mesmo que não tenha interesse comercial nenhum. Se é um cara que está em uma luta de moradia, eu vou pegar e falar como se comporta na luta, na liderança, então vou tentar abordar esse cara em várias dimensões, em todas, em muitas dimensões, na dimensão que ele queira aparecer, então eu acho que é um jornalismo que não vai tentar enfiar o cara em uma forminha, tipo isso que ela falou, o cara mora na periferia então ele é pobre, ele é preto, ou então já estava de barato que ele é marginal, não! É o seguinte, tem uma diversidade enorme, quer dizer, a gente só vai fazer bom jornalismo, se a gente olhar para cada pessoa como portadores de sua própria história, entendeu? É essa que é a ideia da gente pegar e tentar... O cara na Cracolândia, não é só um dependente químico, qual é a história desse cara? Ele é um cara que perdeu emprego, a mulher, como ele caiu nessa tristeza e tal, por que ele caiu na dependência? Então é isso, a gente vai tentar contar a história desse cara em várias dimensões e facetas.

2. Como funciona o processo de reunião de pauta, produção de conteúdo e compartilhamento?

Laura Capriglione Eu vou te mostrar aqui no *Telegram*, você tem telegrama? *Telegram* é “essa coisinha” aqui ó, é que nem fosse o *WhatsApp*, só que a diferença disso aqui, é que olha... Então por exemplo, aqui está vendo? É só os publicadores, acabaram de ler uma carta da preta, que é a menina que está presa, aí tem a carta aqui: “pessoal, porque essa página nossa falando da prisão da preta, e das outras líderes da sem teto, está fora do ar, aí a gente vai combinando o jogo, publico a carta da Preta, publico, subo os vídeos do Bruno, subo o vídeo novo que o André fez sobre artistas.... a preta(2min42), aí alguém fala assim, alguém pega a partir e sobre tudo, estou acompanhando, vou “*twittar*” o texto bem básico, isso aqui é uma reunião de

pauta e uma reunião de edição, mas toda semana a gente se reúne presencialmente para combinar o jogo e no resto da semana a gente vai combinando tudo pelo chat, então se você for ver, tem o chat dos publicadores, tem aqui o JL Twitter, JL colaboradores, Jornalistas Livres Geral, Jornalistas Livres 30 de maio, Greve da Educação, Greve Geral, *Youtube* e tem vários grupos, que são grupos por interesse, então, por exemplo, você se interessa por *Youtube*, então você não quer saber do Facebook, então porque você vai participar de tudo. A gente cria grupos focais para que as pessoas vão entrando, segundo seus próprios interesses.

3. Tem alguém que revise, pois tem uma hora que você falou, que vocês mesmo trocam informações?

Laura Capriglione: A gente, por exemplo, o cara pega e manda e posta aqui, por exemplo, posta aqui “no publicadores” aqui, ele posta um texto, e então a gente combina, quem está disponível lê e fala “sobe e publica”, quem pode. Por exemplo, eu estava aqui e não estava podendo e por conta disso, tocou o telefone 1 milhão de vezes e eu não pude atender e nesse ínterim, enquanto eu estava aqui, tinha um monte de trabalho do outro lado, por um outro lado, quando o outro vai trabalhar, quem segura sou eu.

4. Como funciona o processo de recebimento de imagens de usuários ou profissionais que não fazem parte do Jornalistas Livres? Todas as imagens que são recebidas são publicadas?

Laura Capriglione: Não são todas as imagens que são publicadas, tem que ter relevância, por exemplo, muita das vezes a gente recebe fotos que expõe de maneira abusiva uma pessoa que está em uma situação de vulnerabilidade aí não publicamos. Tem uma seleção editorial, por e sempre, se tem um cara que foi assassinado no meio da rua e está com o corpo ali, não publicamos, entendeu? Porque há um respeito ali com a família do cara, com o corpo do cara. Então tem uma seleção criteriosa, entendeu? Porque não queremos ser uma página que você espreme e sai sangue, entendeu? Queremos ser uma página respeitada por padrões éticos e sérios e por credibilidade, então muitas vezes as pessoas mandam fotos para a gente e são fotos de passeatas que aconteceram há dois meses como se fosse de agora. A gente checa tudo, entendeu? Então, agora, por onde as pessoas mandam, mandam por *inbox* por

Facebook, manda pelo Twitter, manda pelo *WhattsApp*, manda pelo Facebook, e a gente tem esse grupo aqui quer ver? Grupo colaboradores, é um grupo que tem 159 membros, aí tem um outro grupo de colaboradores, quer ver? Tem Minas Gerais.

5. Quando há um acontecimento de interesse público que está planejado com antecedência (como manifestação, greve, etc.) como é realizado o planejamento de cobertura?

Laura Capriglione: Primeira coisa que a gente faz é ver quem vai para rua e quem fica na base, a base não é uma base, não é uma redação, não é física, eu posso fazer base aqui agora com o meu celular, mas quem é que vai para rua? Para onde você vai? Eu vou para a zona sul, eu vou para São Bernardo, eu vou para o bloqueio lá na Imigrantes? Então a gente divide o território que é para pegar o local mais quente e evitar redundância, né? Quer dizer, evitar muita gente em lugar só, ou nessas coisas aí, a gente sempre faz questão quando vai ter violência, a gente sabe que tem uma propensão a ter violência, que nem teve um episódio aqui na Cracolândia que eu falei que estava sem equipamento, mas eu estava com um puta equipamento que era uma amiga dos Jornalistas Livres que estava Lá comigo, entendeu? Se acontecesse alguma coisa comigo, ela me levaria para o hospital, entendeu? Então, sempre a gente tenta garantir quando vai ter essas situações de violência, que a gente tenha um plano de dupla, entendeu? Para um segurar a onda, às vezes vem a polícia e quer prender o cara e então alguém filma a cena de prisão e tal, então sempre, essa é uma providência, que a gente usa, a gente divide, quem vai lá, quem fica na base, que horas você fica não base? Por exemplo, Greve Geral, negócio que dura o dia inteiro. Então quem é que vai entrar de manhã, quem entra à tarde? Quem entra à noite? No mais, às vezes, quem entra de manhã acaba ficando o dia inteiro, entendeu? Porque não consegue largar, mas às vezes o cara “tenho que sair à tarde porque eu vou trabalhar”, mas enfim, a gente faz essa divisão, mas depende muita do interesse do cara, nos Jornalistas Livres não tem essa história de você ser redator e ficar “redatando”, entendeu? Não existe isso, eu sou hoje, eu faço redação, amanhã eu faço reportagem, no outro dia eu vou fazer um vídeo, no outro eu vou fazer um podcast, e no outro dia, cada dia... Quem é que determina? Sou eu. Cada um determina o que quer fazer, e o coletivo o máximo que faz é dizer: “gente, tem muita gente indo para a Zona Sul, gente, tem muita pouca gente na base” Porque a gente

precisa publicar em todas as redes sociais, então não é que a gente escreve o texto e faz uma análise e tem que publicar, tem que fazer o texto, tem que editar o vídeo, tem que subir no Youtube, tem que subir no Facebook, tem que subir no Instagram, tem que subir no Twitter e tal. E cada rede tem uma idiossincrasia, não pode repetir o mesmo texto em todas as redes, então, “dá um puta trampo”. Então, a base é uma coisa muito importante, então, a gente sempre faz questão de ter uma base robusta, entendeu? Para fazer *card*, para fazer o “não sei o que lá”, porque às vezes, quem é que vai fazer a seleção dos memes, porque meme é uma puta de uma arapuca, entendeu? Porque tem meme que é sexista, que é racista, aí a gente tem que tomar um puta cuidado. Então, quem é que vai fazer a edição de todos os memes? A rede produz muito meme, quais a gente vai publicar? Quais a gente não vai publicar? Isso é coisa da base. A base que publica, só o “ao vivo” que é direto, “ao vivo” tem que ser direto. Esse meu celular é maravilhoso é um “Huaweei” que tem três câmeras, então ele é “um puta celular”. Aí depois a gente pega e baixa esse arquivo do Facebook ou do Twitter, e aí publica nas outras redes.